

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA DA ADOLESCÊNCIA E DA INFÂNCIA**

**“COMO NOSSOS PAIS?”
A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DOS
ESTILOS PARENTAIS**

Ivan Luigi Vitali

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Psicologia
da Universidade Federal do Paraná, área de
concentração Psicologia da Infância e da
Adolescência.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lidia Natalia Dobrianskyj
Weber

Co-Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Muller
Prado

Curitiba, junho de 2004.

DEDICATÓRIA

Para **minha mãe e meu pai**, pela vida que me deram, pelos valores e a educação que me transmitiram, pela força em aceitar e respeitar a decisão da minha saída da Itália e com os quais queria poder comemorar o maior alcance e a principal razão de orgulho acadêmico da minha vida.

Para meu irmão **Oscar**, que só com a distância consegui entender quão especial e fundamental é para mim.

Para meus amigos, mas especialmente **Ale, Marco, Stefano, Roberto**, pelo carinho, a amizade e o afeto que sempre me demonstraram apesar de eu não estar perto deles.

Para a **Rete Speranza** e **Rede Esperança**, para ter me proporcionado as condições para fazer a mais rica, importante e marcante experiência humana e profissional da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Pelas suas enormes qualidades de motivadora, pela paciência e pelo apoio oferecido nos momentos de dificuldade, pela força em aceitar o desafio de tentar transformar um economista estrangeiro em futuro mestre de psicologia, a **Professora Lídia**, minha fantástica orientadora, pela raríssima capacidade de conjugar a excelência da competência acadêmica com o lado humano, o bom humor, o carinho.

Se compensar significa “atribuir um valor a um gesto, para devolver algo de valor parecido”, infelizmente não terei como compensar **Olívia** pelo apoio, a paixão no trabalho, a generosidade, a competência que ela sempre disponibilizou com fartura, para me ajudar, sempre. Poucas linhas de uma simples dedicatória não conseguem desvendar que fraca e parcialmente meu sentimento de gratidão para com você.

Para a **Professora Paula**, pelas orientações e apoio, especialmente durante meus primeiros meses do mestrado.

Para **Graziella**, pelo suporte, a paciência, a amizade e a sensibilidade quotidianamente demonstrados durante estes meus primeiros dois anos e meio no Brasil, especialmente nos momentos mais difíceis.

Para **Francesco**, pelo apoio, o incentivo em sempre ir para frente, o suporte e por ter me permitido dedicar tempo e energias para o mestrado assim que foi preciso.

Para **Silvano**, que sempre apoiou os meus projetos quando vislumbrava dedicação, gratificação e satisfação: ter chegado até este ponto é também graças a você.

Para **Conceição**, ponto de referência fundamental para minha adaptação no Brasil, amiga, sempre pronta para escutar meus segredos e minhas alegrias, versão bahiana da família que deixei na Itália

Para os amigos da CEU, especialmente **Pliniote** e **Rudinei**, que, de forma diferente, sempre me fizeram perceber sua amizade e apoio.

Para **Suzana** e **Juçara**, amigas discretas, alegres, carinhosas e sempre disponíveis em me ajudar para qualquer coisa.

Para **todas as pessoas** que não vou poder aqui nomear, que participaram dos momentos felizes e de crescimento, que me reforçaram em me sentir orgulhoso das minhas origens, mas aceito neste maravilhoso Brasil.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	2
AGRADECIMENTOS.....	3
SUMÁRIO.....	4
LISTA DE TABELAS.....	6
RESUMO.....	7
ABSTRACT	8
EPÍGRAFE	9
INTRODUÇÃO	10
REVISÃO DA LITERATURA	15
Evolução histórica do conceito de estilo parental	16
Modelo psicodinâmico.....	17
Modelo da aprendizagem.....	17
A “Revolução” de Diana Baumrind.....	19
Responsividade e exigência: contribuições de Maccoby e Martin	24
Resultados da aplicação dos estudos de estilos parentais	28
A questão intergeracional	30
OBJETIVOS	35
Objetivo geral.....	35
Objetivos específicos	35
MÉTODO.....	36
Participantes	36
Instrumentos	37
Procedimentos	39
Análise dos dados.....	41
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	44
I. ANÁLISE INICIAL DAS ESCALAS DE RESPONSABILIDADE E EXIGÊNCIA E DA ESCALAS DE QUALIDADE DE INTERAÇÃO FAMILIAR - EQIF.....	44
1. Teste de normalidade das escalas de responsividade e exigência	44
2. Teste de normalidade das escalas EQIF	45
3. Análise fatorial das escalas de responsividade e exigência.....	46
4. Confiabilidade escalas de responsividade e exigência	55
5. Análise fatorial EQIF – escalas de qualidade de interação familiar.....	56
6. Análise de confiabilidade das Escalas de Qualidade de Interação Familiar - EQIF	58
II: ANÁLISE DA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DAS DIMENSÕES DE RESPONSABILIDADE E EXIGÊNCIA	59
1. Análise da exigência	59
1.1 Exigência dos avós (G1)	59
1.2. Exigência dos pais (G2)	60
1.3. Análise intergeracional da exigência	62
2. Análise da Responsividade.....	64
2.1 Responsividade dos avós (G1).....	64
2.2. Responsividade dos pais (G2).....	65
2.3. Análise intergeracional da responsividade	66
3. Análise conjunta da Exigência e Responsividade	67

III: ANÁLISE DA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DOS ESTILOS PARENTAIS.....	70
1. Cálculo e frequência dos estilos parentais.....	70
2. Análise dos casos de transmissão dos estilos parentais	73
3. Análise dos casos de não transmissão	74
IV. EQIF – Escalas de Qualidade de Interação Familiar	76
CONCLUSÕES	82
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS.....	96
ANEXO A.....	97
ANEXO B.....	100
ANEXO C.....	104
ANEXO D.....	107
ANEXO E.....	110
ANEXO F	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Valores de carregamento de Exigência e Responsividade de pais e mães (G2).....	49
Tabela 2 – Valores de carregamento de pais e mães (G2) separados.....	49
Tabela 3 – Valores de carregamento de escores dos pais (G2) conjuntos.....	51
Tabela 4 - Valores de carregamento de avós e avôs (G1) separados.....	52
Tabela 5 - Valores de carregamento dos escores relativos aos avós (G1) na percepção dos pais (homens).....	53
Tabela 6 – Valores de carregamento dos escores relativos às avós (G1) na percepção das mães.....	54
Tabela 7 - Apresentação dos <i>alpha</i> de Cronbach dos pais (G2).....	56
Tabela 8 - Apresentação dos <i>alpha</i> de Cronbach dos avós (G3), dimensões separadas e agrupadas.....	56
Tabela 9 - Apresentação da variância total.....	57
Tabela 10 - Valores de carregamento das dimensões das EQIF.....	58
Tabela 11 – Valores de <i>alpha</i> de Cronbach para cada dimensão da EQIF.....	59
Tabela 12 - Descrição Responsividade e Exigência dos pais G2.....	60
Tabela 13 – Descrição da Responsividade e Exigência dos pais G2.....	61
Tabela 14 - Descrição Responsividade dos pais G2.....	65
Tabela 15 – Descrição da Responsividade dos pais G2.....	66
Tabela 16 - Frequência de estilos parentais dos pais e das mães G2.....	72
Tabela 17 - Frequência de estilos dos avós (G1).....	73
Tabela 18 - Detalhes de casos de transmissão.....	74
Tabela 19 – Resumo dos casos de transmissão intergeracional.....	75
Tabela 20 - Casos de não transmissão intergeracional.....	76
Tabela 21 - Resumo de não transmissão do estilo relativamente aos pais.....	78
Tabela 22 - Comparação EQIF – Estilos Parentais.....	78
Tabela 23 – Resultados obtidos por meio da EQIF.....	79
Tabela 24 – Cruzamento das dimensões da EQIF com as escalas de Responsividade Exigência geral.....	80
Tabela 25 - Cruzamento EQIF mãe - Responsividade Exigência mãe.....	81
Tabela 26 - Cruzamento EQIF pai - Responsividade Exigência pai.....	82

Vitali, Ivan Luigi. Como nossos pais? A transmissão intergeracional dos estilos parentais. Curitiba, 2004, 112 p. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi a análise intergeracional de estilos parentais, classificados por meio de duas escalas que avaliam as dimensões de exigência e responsividade de pais e avós de adolescentes. As escalas foram aplicadas a 139 adolescentes e com 79 pais deles, tendo apresentado índices de consistência interna adequados (*alpha* entre 0,81 e 0,87 para as respostas dos adolescentes, entre 0,77 e 0,91 para os pais). Testes *t* revelaram que a exigência e a responsividade materna foram significativamente superior às correspondentes dimensões paternas. Intergeracionalmente, as mães mostraram níveis de responsividade e exigência significativamente superiores aos avós maternos e parecidos às avós maternas. A proporção de estilos parentais da amostra foi parecida com os dados da literatura, apresentando como estilos mais freqüentes seja para os pais ou para os avós o estilo negligente e o autoritativo. Os estilos indulgente e autoritário foram respectivamente terceiro e quarto mais freqüente para com os avós e com os pais, sugerindo que em geral o instrumento mediu uma continuidade de composição dos principais estilos parentais com uma evolução dos dois estilos menos freqüentes. Houve transmissão de estilo em 30 casos, assim distribuídos: negligente (17 casos); autoritativo (12 casos); indulgente (1 caso), com uma prevalência dos casos de transmissão do estilo das mães (17 casos) em relação aos pais (13 casos). O cruzamento dos casos de transmissão dos estilos negligente e autoritativo com as escalas EQIF mostrou um padrão de resposta significativamente superior para os pais autoritativos

Vitali, Ivan Luigi. Like our parents? The intergenerational transmission of parenting styles (Como nossos pais? A transmissão intergeracional dos estilos parentais). Curitiba, 2004, 112 p. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

ABSTRACT

The aim of this study was the intergenerational analysis of the parenting styles, classified through two scales which measure parents' and grandparent's demandingness and responsiveness of a set of adolescents. The two scales were administered to 139 adolescents and to 79 of their parents and showed satisfactory reliability coefficients (*alpha* between 0,81 and 0,87 for adolescent's answers, between 0,77 and 0,91 for parents' answers). T tests showed that mother's demandingness and responsiveness were significantly greater than corresponding father's dimensions. Intergenerationally, mothers showed levels of demandingness and responsiveness significantly greater than maternal grandfathers and equal to maternal grandmothers. The proportion of parenting styles of the set was similar to the literature data, showing that negligent and authoritative are the most frequent styles for both parents and grandparents. The indulgent and authoritarian styles were respectively third and fourth most frequent style for grandparents and parents, indicating that in general the instrument measures a continuum of a composition of the principals parenting styles, with a slight evolution of the lesser frequent styles. In 30 cases it was found intergenerational transmission, showing the following distribution: negligent (17 cases); authoritative (12 cases); indulgent (1 case), with the cases regarding mothers prevailing (17) over the father's cases (13). The crossing of negligent and authoritative style cases in transmission with EQIF scale showed a standard of significantly greater value for authoritative parents.

EPÍGRAFE

COMO NOSSOS PAIS

Belchior

*Não quero lhe falar meu grande amor
Das coisas que aprendi nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar
E eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei que qualquer canto
É melhor do que a vida de qualquer pessoa
Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal está fechado pra nós
Que somos jovens
Para abraçar meu irmão e beijar minha menina na rua
É que se fez o meu lábio, o meu braço e a minha voz
Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantado com uma nova invenção
Vou ficar nesta cidade, não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
O cheiro de uma nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração
Já faz tempo eu vi você na rua
Cabelo ao vento, gente nova reunida
Na parede da memória, esta lembrança
É o quadro que dói mais
Minha dor é perceber, que apesar
De termos feito tudo tudo que fizemos
Ainda somos os mesmo e vivemos
Ainda somos os mesmo e vivemos
Como nossos pais
Nossos ídolos ainda são os mesmos
E as aparências não enganam não
Você diz que depois deles não apareceu mais ninguém
Você pode até dizer que eu estou por fora
O que eu estou inventando
Mas é você que ama o passado e que não vê
Mas é você que ama o passado e que não vê
Que o novo sempre vem
E hoje eu sei que quem me deu
A idéia de uma nova consciência e juventude
Está em casa, guardado por Deus
Contando os seus metais
Minha dor é perceber, que apesar
De termos feito tudo tudo
O que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como nossos pais*

INTRODUÇÃO

Na discussão sobre o que se pode definir em relação aos determinantes do comportamento humano e as influências sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente, existe consenso na literatura sobre a consideração do papel dos pais, da origem biológica e das primeiras relações sociais das crianças com o mundo. São os pais que normalmente se ocupam em oferecer recursos materiais e afetivos e transmitir as primeiras informações para seus filhos. Ainda na fase pré-escolar, os adultos representam uma fonte de regulação externa fundamental para a criança; o comportamento e a interação pais-filhos influencia grandemente o repertório de ferramentas para com que o filho possa lidar nas diferentes situações da vida.

Do ponto de vista da análise do comportamento, característica deste trabalho, acredita-se que os comportamentos de uma pessoa sejam o resultado de contingências filogenéticas, ontogenéticas e culturais (Skinner, 1966). Não resta dúvida sobre o impacto da história de vida de cada pessoa e, portanto, as práticas educativas parentais tornam-se um ponto de referência privilegiado para conjecturar sobre o possível desenvolvimento da pessoa.

Apesar de os pais serem um dos agentes, entre outros, que contribuem para a socialização da criança, a família continua sendo reconhecida como o principal e mais importante lugar de socialização (Maccoby, 2000). Isso é devido ao fato de a infância ser um período particularmente maleável, no qual os pais são os principais responsáveis para que as capacidades sociais, o

repertório comportamental e os valores se estruturam na criança e ela possa se tornar no futuro um adulto adequado^{1[1]} para viver na sociedade.

Uma possível base comum para entender o que implica hoje o papel dos pais é dado por Maccoby (1992) segundo a qual, os filhos precisam adquirir habilidades, capacidades e valores que lhes possibilitem:

- a) evitar comportamentos desviantes, ou seja comportamentos que ameacem ou destruam a hierarquia dos grupos sociais nos quais os indivíduos vivem;
- b) contribuir, através do trabalho, para o suporte econômico de si mesmos e da própria família;
- c) criar e continuar relacionamentos com outros;
- d) ser capazes de criar seus próprios filhos.

Além dos aspectos sociais e históricos, outros são os fatores ambientais que também influenciam o desenvolvimento da criança, como os fatores culturais, políticos, econômicos, religiosos. É suficiente pensar o quão diferente de hoje era o ideal de família na época em que a influência dos princípios religiosos e do respeito da autoridade justificava o pai como “chefe da família”, com a atribuição de todo o poder de decisão (Ariès, 1980). É importante levar em conta de como os objetivos educacionais e princípios morais razoáveis em condições normais, possam ceder espaço para outras finalidades mais imediatas durante guerras ou em épocas de lutas pela sobrevivência. É preciso

^{1[1]} O significado da expressão “adulto adequado” mudou sensivelmente com a evolução da sociedade, assumindo conotações muito distantes em tempos, lugares e culturas diferentes. Em relação à infância e adolescência, uma demonstração é oferecida pela especial legislação oferecida com o Estatuto da Criança e do Adolescente e, indiretamente, pelas sanções penais aplicadas nos casos de falta dos cuidados básicos com os filhos, seu abandono ou o infanticídio.

também levar em conta opções aparentemente universais, tais como a liberdade de expressão, de associação, a escolha do parceiro ou tipo de educação, também são determinadas socialmente durante épocas de totalitarismos, ditaduras, regimes não democráticos. Enfim, a disparidade na distribuição da riqueza e ao acesso à cultura, e problemas como o analfabetismo e a subnutrição, também têm um impacto significativo no desenvolvimento da criança.

A complexa questão da compreensão das variáveis ambientais não completa o quadro dos fatores que influenciam o desenvolvimento da criança, pois falta o fator genético. A pesquisa na área da neuropsicologia demonstra como a relação ambiente-genes não ajuda no distinguir o que pode certamente ser atribuído à genética e o que depende da estimulação ambiental. O que com certeza pode ser afirmado é que o repertório de habilidades do indivíduo é resultado da combinação de um potencial geneticamente determinado associado sempre à quantidade e à qualidade da exposição aos estímulos ambientais (Springer & Deutsch, 1998). No presente trabalho, não será estudada a influência do fator genético, ou seja, não será investigado o âmbito do potencial, mas será analisado a interação com o ambiente, com particular atenção na relação entre pais e filhos.

Pela importância da influência familiar no desenvolvimento infantil (Novak, 1996), muitos trabalhos têm se focado em classificar os diferentes padrões de relação entre pais e filhos e em avaliar as correlações destes padrões com diferentes resultados em termos de comportamento social, resultados escolares e outras avaliações. Um conceito que ao longo das

últimas décadas demonstrou sua eficácia e eficiência na compreensão dos efeitos do relacionamento pais-filhos é o de *Estilo Parental*.

O conceito de estilo parental, desenvolvido a partir do estudo de Baldwin (1949), permite identificar o contexto e o clima familiar onde se manifestam as práticas parentais e por isso se torna uma ferramenta conceitual particularmente útil para planejar e realizar intervenção familiar preventiva e/ou supletiva.

O presente trabalho pretende investigar o relacionamento existente entre os pais e filhos de três gerações, utilizando uma amostra de adolescentes em situação de risco social e seus pais, enfocando a transmissão intergeracional de estilos parentais. Para isso, foram aplicadas as Escalas de Responsividade e Exigência (Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbush, 1991) para acessar, através dos filhos, o estilo parental dos pais. Os resultados serão comparados com as respostas dos pais sobre os avós dos adolescentes.

Foi também utilizado o instrumento Escalas de Qualidade de Interação Familiar - EQIF (Weber, Viezzer & Brandenburg 2003), aplicada com os jovens que ainda moram com os pais, para analisar a eventual relação entre práticas parentais e estilos parentais nos casos mais significativos.

Em relação aos estilos parentais, a hipótese base do presente trabalho é que eles se transmitam de uma geração para a outra, sendo que a literatura sobre o assunto não oferece uma versão concordante sobre a transmissão dos estilos parentais entre gerações e entre gêneros. Por esta razão, esta pesquisa visa verificar a hipótese de transmissão intergeracional dos estilos parentais. Se a hipótese for verificada, será testada a sub-hipótese que a intensidade da

transmissão dos estilos parentais se mantém constante. Ou seja, será verificado que o estilo que os avós dos adolescentes utilizaram para educar seus filhos é o mesmo estilo, e possui a mesma intensidade com que os pais dos adolescentes educam seus filhos. Sempre nesta hipótese, a pesquisa analisará as eventuais correlações intergeracionais entre os gêneros.

REVISÃO DA LITERATURA

Houve muito interesse, especialmente no começo no século XX, em aprofundar o estudo da relação pais-filhos. Uma das ferramentas teóricas que, nas últimas décadas, ganhou mais importância para o estudo deste tipo de influência foi o conceito de *Estilo Parental*. Na interpretação de Darling & Steinberg (1993), o estilo parental define-se como o conjunto de atitudes dos pais para com a criança, o qual define o clima emocional em que se expressam as várias práticas parentais.

Darling & Steinberg (1993) argumentam que as *Práticas Parentais* correspondem a comportamentos definidos por conteúdos específicos e por objetivos de socialização, assim, dentro do mesmo estilo parental podem se desenvolver diferentes práticas parentais. Isso ocorre porque as práticas parentais definem um conceito mais específico do que o estilo parental. Elas representam aspectos da interação pais-filhos, possuem um objetivo mais definido e se concretizam no jeito de falar com um tom de voz particular, na linguagem corporal, nas formas de expressar carinho como sorrindo, acariciando, beijando.

Muitas pesquisas têm comprovado que práticas parentais como a emissão de regras, o afeto positivo, a disciplina indutiva, a monitoria, e outras, estão associadas a diferentes aspectos na criança ou adolescente, como o comportamento pró ou anti-social, a inibição, a obediência, a empatia, entre outros (Schaffer & Crook, 1980; Davies, McMahon, Flessati & Tiedemann, 1984; Dishion, Patterson, Stoolmiller, & Skinner, 1991; Gralinski & Kopp, 1993;

Kochanska & Aksan, 1995; Krevans & Gibbs, 1996; Belsky, Kuang-Hua, Hsieh & Crnic, 1998; Posada & cols., 1999)

Enquanto as práticas parentais variam entre situações, acredita-se que os estilos parentais sejam relativamente independentes de um contexto específico de socialização e se evidenciem numa ampla variedade de interações entre pais e filhos (Keith & Christiansen, 1997, p. 559).

Evolução histórica do conceito de estilo parental

A definição de estilos parentais representa uma evolução das primeiras pesquisas sobre socialização, dos anos 30 e 40. Duas abordagens epistemológicas destacaram-se por tentar explicar os fatores que influenciam o desenvolvimento infantil: a behaviorista (modelo de aprendizagem) e a freudiana (modelo psicodinâmico).

De acordo com a abordagem behaviorista, o interesse estava em estudar como as contingências de reforçamento e punição no ambiente próximo à criança modelavam seu comportamento. Para a abordagem freudiana, os determinantes do desenvolvimento eram biológicos e por isso, inevitavelmente em contraste, tanto com os desejos parentais quanto com os requerimentos da sociedade. Nesta segunda hipótese, as diferenças individuais no desenvolvimento da criança dependiam da relação entre as necessidades da libido da criança e o ambiente familiar (Maccoby 1992).

Nesta interpretação, faltava a explicação de quais eram as formas de educar os filhos e quais as conseqüências de diferentes percursos educativos no comportamento da criança.

Modelo psicodinâmico

Pesquisadores que utilizavam esta abordagem enfatizaram a relação emocional entre pais e filhos e sua influência para o desenvolvimento psicosexual, psicossocial e da personalidade da criança.

As atitudes parentais ajudariam a determinar as práticas parentais e os comportamentos mais sutis que lhes dão significado. Por isso, muitos pesquisadores imaginavam que ao entender as atitudes parentais teriam conseguido capturar o clima emocional do ambiente familiar, o qual, por sua vez, determinaria a relação pais -filhos e influenciaria o desenvolvimento da criança (Baldwin 1949, Orlansky 1949, Schaefer 1965, citados em Maccoby, 1992).

A crítica que pode ser feita a esta abordagem é que, se por um lado, o comportamento dos pais ganha significado graças às atitudes parentais, igualmente as atitudes são expressas através do comportamento; ou seja, não é possível estudar as atitudes sem tentar medir o comportamento. Para tentar resolver o impasse, as práticas foram agrupadas em categorias mais amplas, incluindo, entre estes, atributos molares como a garantia de autonomia, punição, expressão do afeto etc.

Modelo da aprendizagem

Pesquisadores desta abordagem enfocaram sua atenção sobre as *práticas parentais* em lugar das *crenças e valores parentais*. Diferenças no desenvolvimento da criança foram consideradas o reflexo de diferentes

ambientes de aprendizagem, sem no entanto, deixar de levar em conta as variáveis individuais. Por isso, as medidas de estilos parentais tinham o objetivo de capturar o percurso de comportamentos que definia estes ambientes. Mais de que um conceito unitário, o estilo parental foi utilizado, neste caso, para resumir os resultados das análises de práticas parentais específicas.

O estudo do estilo com que os pais criavam seus filhos começou aproximadamente nos anos trinta, mas foi com o trabalho de Baldwin (1949) que o conceito de estilo parental foi utilizado e foi ele que inaugurou uma linha de pesquisa que analisava as correlações entre comportamento dos filhos e estilo parental.

Baldwin (1949) diferenciou dois estilos parentais, o estilo democrático-recíproco e o estilo autoritário e estudou suas conseqüências em termos de risco e proteção. O estilo parental democrático-recíproco implicava a tentativa de envolver ativamente a criança, proporcionalmente ao seu desenvolvimento, nas decisões da família, enquanto pais autoritários faziam prevalecer ou impor sua vontade sobre os interesses e desejos da criança.

No começo da sua utilização em pesquisas, o conceito de estilo parental se desenvolveu como uma heurística para descrever o ambiente familiar. A hipótese que norteava a utilização do conceito era que uma melhor compreensão do ambiente familiar teria permitido uma maior capacidade de predição dos comportamentos da criança. Por isso, o conceito de estilo parental representava uma ferramenta mais poderosa do que o de prática parental, porque na complexidade das demais atribuições parentais, era

considerado difícil separar a influência de qualquer prática específica sobre o comportamento da criança (Baldwin, 1948; Orlansky, 1949; citados em Maccoby, 1992).

A “Revolução” de Diana Baumrind

As primeiras pesquisas realizadas no campo dos estilos parentais foram do tipo qualitativo, seguidas por outras, quantitativas, e eram voltadas a identificar três componentes separadamente: a) a relação emocional entre pais e crianças; b) as práticas e comportamentos parentais e c) o sistema de crenças dos pais.

Foi, porém, com o trabalho de Baumrind (1966) que emergiu um novo tipo de modelo teórico de estilos parentais que influenciou profundamente o pensamento e as pesquisas sucessivas. Este paradigma incorporava os processos emocionais e comportamentais nos quais se baseavam os precedentes modelos de socialização em uma nova conceituação de estilo parental e, ao mesmo tempo, dava ênfase ao sistema de crenças dos pais.

Baumrind (1966) retomou e aprofundou a linha de pesquisa inaugurada por Baldwin (1949), redefinindo o conceito de controle parental, segundo a hipótese de que o principal objetivo dos pais para com os filhos é a socialização, conforme as necessidades da sociedade, mas mantendo ao mesmo tempo uma própria integridade pessoal.

A proposta de Baumrind (1966, 1971a, 1972) destaca-se de todas as pesquisas anteriores por muitas razões. Primeiramente, Baumrind definiu uma

ampla função parental, o controle, ao invés de explicitar detalhadamente as dimensões do comportamento parental cuja combinação linear definiria o estilo parental. Além disso, ela definiu três protótipos de controle parental: permissivo, autoritativo e autoritário, protótipos definidos de maneira diferente tanto do ponto de vista qualitativo quanto quantitativo.

O tipo *permissivo* se concretiza em pais que cobram poucas responsabilidades pelos trabalhos de casa, que se apresentam para a criança como um recurso que ela pode usar a vontade, não como um ideal para ser imitado, nem como um agente ativamente responsável para moldar ou alterar seus comportamentos. Pais permissivos permitem ao máximo possível que a criança se auto-regule, aceitando o comportamento dela sem pretensão de mudá-lo, evitam o exercício do controle e não encorajam a criança a obedecer a padrões comportamentais externamente estabelecidos. (Baumrind 1966, 1971, 1972). Características dos pais permissivos são o reforçamento sistematicamente positivo, com o reforçamento que não é contingente para com os comportamentos desejados.

O tipo *autoritário* procura modelar, controlar e avaliar o comportamento e as atitudes da criança de acordo com um conjunto de regras de conduta, normalmente tidas como padrões absolutos, finalizados e formulados por uma autoridade superior. Os pais consideram a obediência como uma virtude e favorecem o uso de reforçamentos negativos, medidas punitivas e de força para submeter a vontade da criança quando as ações e crenças dela não são convencionais e entram em conflito com o que eles acham ser a conduta certa. Os pais autoritários reforçam o individualismo, acreditam na importância de

manter a criança “no lugar dela”, na restrição da sua autonomia, no exigir respeito pelo trabalho e consideram a preservação das tradições como uma finalidade importante. Eles não encorajam a troca verbal com a criança, não pedindo nem considerando o ponto de vista dela. (Baumrind 1966, 1971a, 1972).

Os pais *autoritativos* procuram direcionar as atividades da criança em uma maneira racional e orientada para a solução (*issue oriented*) encorajando a troca verbal, compartilhando com a criança o raciocínio que está por trás das decisões e solicitando as objeções quando a criança recusa de obedecer. Eles consideram o ponto de vista da criança e o avaliam, mas exercem controle firme nos pontos de divergência com ela, sem por isso limitá-la com restrições mas avaliando seu comportamento em relação ao contexto no qual acontece e não em termos absolutos. Os pais autoritativos propõem sua perspectiva de adulto, mas reconhecendo os interesses e as exigências da criança e usando principalmente reforçamento positivo. O reforçamento negativo é pouco usado por eles e só raramente eles recorrem ao uso da punição. A configuração de práticas associadas com o estilo autoritativo ultrapassa o conceito de simples autoridade, para incluir demandas de maturidade, estilos de comunicação, e “nurturance” (Baumrind,1966; 1971a, Baumrind & Black, 1967).

Na pesquisa de Baumrind (1966), a autora utilizou uma abordagem “configuracional” para definir estilo parental, que se funda na hipótese de que a influência de qualquer aspecto da educação parental (*parenting*) não pode ser compreendido separadamente, mas depende da configuração de todos os outros aspectos.

Apesar de a distinção entre os três estilos, autoritativo, autoritário e permissivo, teoricamente se fundasse só no grau de variação na autoridade parental, uma análise mais profunda revela que a distinção estava associada também com outras atribuições parentais. Por exemplo, conceitualmente pais com diferentes estilos de autoridade poderiam ser igualmente ternos e amorosos, mas empiricamente os pais autoritários e permissivos se revelavam parecidos quanto à distância afetiva (*detachment*), ineficácia da comunicação, e baixa demanda de maturidade (Baumrind 1966).

Isso demonstrou que além de uma novidade teórica, a abordagem configuracional, baseada em práticas realmente ocorridas, esta teoria tem uma validade “ecológica” superior à dos trabalhos anteriores. A validação empírica da abordagem configuracional, junto com a base conceitual por ela definida, representou uma novidade importante de Baumrind em um panorama de pesquisas tradicionais de análise fatorial (Baumrind, 1966).

Além disso, o modelo proposto por Baumrind (1967, 1971) traz uma importante mudança de paradigma, apresentando um modelo dinâmico e não unidirecional do processo de socialização. Baumrind apresenta a hipótese de que o estilo parental realmente utilizado pelos pais altera a aceitação dos filhos para as tentativas dos pais de socializá-los, ou seja, de forma indireta, a criança contribui para seu próprio desenvolvimento através da influência sobre o comportamento dos seus pais. A autora sugere, por exemplo, que o estilo autoritativo dos pais aumenta a efetividade do seu modo de criar os filhos, alterando o comportamento da criança que, retroativamente reforça a habilidade dos pais para agir como agentes socializadores. Baldwin (1949),

afirmou anteriormente a possibilidade de que diferenças de temperamento da criança poderiam alterar o comportamento dos pais, mas Baumrind, explicitamente, (1971) tentou separar o comportamento dos pais daquele da criança, afirmando o estilo parental como característica dos pais e não do relacionamento pais-filhos.

Steinberg, Lamborn, Dornbusch e Darling (1992), concordando com Baldwin (1949), mostraram que a correlação entre ajustamento dos adolescentes e estilos parentais não depende unicamente do efeito que a criança tem sobre os pais, mas no mínimo, depende também do impacto que os pais tem sobre os filhos.

A tipologia autoritativo, autoritário permissivo da Baumrind (1966, 1971a, 1971b) se tornou um ponto de partida importante para outras pesquisas sobre modelos de criação de filhos, mesmo contendo algumas limitações sucessivamente evidenciadas por outros pesquisadores. Uma destas é que o modelo foi pensado especificadamente para investigar a influências de variações na educação dos filhos em famílias cujos filhos apresentavam resultados muito bons em termos de auto-confiança, capacidade social e desempenho escolar. Além disso, as pesquisas da Baumrind se fundavam no estudo de comunidades muito homogêneas, com crianças de idade de creche e de primeira série

Responsividade e exigência: contribuições de Maccoby e Martin

Um artigo datado 1983, de Maccoby e Martins, tentou conjugar a abordagem configuracional de Baumrind com a possibilidade de definir a educação dos filhos através de um número limitado de dimensões.

A proposta de pesquisa de Maccoby e Martin (1983) foi de analisar os estilos parentais como função de duas dimensões, que chamaram de *responsividade e exigência*. A transformação da tipologia configuracional de Baumrind por Maccoby e Martin permitiu a generalização deste modelo para populações diferentes das amostras já pesquisadas.

Tanto para a Baumrind (1966) como para Maccoby e Martin (1983), o estilo parental era definido como resultado de dois processos específicos: o número e o tipo de demandas feitas pelos pais, e as contingências de reforço parental.

A exigência, nas palavras da Baumrind (1971b) refere-se à vontade dos pais de agir como agentes socializadores, enquanto a responsividade refere-se ao reconhecimento da individualidade da criança pelos pais. De acordo com Costa, Teixeira e Gomes (2000), a exigência parental refere-se às atitudes dos pais que buscam de alguma forma controlar o comportamento dos filhos, impondo-lhes limites e estabelecendo regras, enquanto a responsividade corresponde àquelas atitudes compreensivas dos pais com os filhos e que, através do apoio emocional e da bi-direcionalidade na comunicação, procuram favorecer o desenvolvimento da autonomia e da auto-afirmação dos jovens.

A definição utilizada por Costa, Teixeira e Gomes (2000) retoma a definição de Maccoby e Martin (1983), que refinaram o conceito de estilo parental, apresentando a classificação dos modelos parentais através de uma re-interpretação das dimensões de exigências e responsividade e acrescentando mais um estilo, o negligente, fruto do desdobramento em estilo negligente e indulgente do precedente estilo permissivo.

Os pais autoritários são exigentes e não responsivos, ou seja, as exigências deles estão em desequilíbrio com a aceitação das exigências dos filhos, dos quais se espera que inibam seus pedidos e demandas para o respeito do valor da autoridade; pais indulgentes são responsivos e não-exigentes; pais autoritativos são exigentes e responsivos, ou seja, há uma reciprocidade entre as respostas dos filhos às exigências dos pais e a aceitação pelos pais da responsabilidade de responderem às exigências e pontos de vistas razoáveis dos filhos; pais negligentes são não-exigentes e não-responsivos, tendem a orientar-se pela esquiva das inconveniências, o que os faz responder a pedidos imediatos da criança apenas de forma a findá-los (Maccoby & Martins, 1983). Aprofundando a inovação ligada à introdução do estilo negligente, os pais negligentes são os que não se envolvem com seu papel de pais, são motivados a fazerem qualquer outra coisa para passar menos tempo com seus filhos. A longo prazo, os componentes do papel parental, como o estabelecimento de regras sobre tarefas de casa ou sobre relacionamento com outras crianças, tendem gradativamente a diminuir, até restar uma mínima relação funcional entre pais e filhos (Maccoby & Martins, 1983).

Apesar de os nomes autoritário e autoritativo serem familiares na literatura sobre estilos parentais, na teorização de Maccoby e Martin (1983) eles não correspondem à definição de Baumrind (1966). Maccoby e Martin, por exemplo, separam explicitamente a discussão sobre o percurso de comunicação parental de estilos parentais, enquanto Baumrind ressaltava a importância da comunicação e da negociação com a criança para distinguir o estilo autoritário do autoritativo. Para Baumrind, de fato, existem dois aspectos da exigência, a *restritividade (restrictiveness)*, chamada de controle psicológico por outros pesquisadores (Schaefer, 1965; Steinberg, 1989) e *controle firme*, também chamada de controle comportamental (Steinberg, 1989). Os pais autoritários e autoritativos têm escores altos em controle firme, mas só os pais autoritários são também restritivos.

Assim, em 1983, uma taxonomia de quatro estilos parentais qualitativamente diferentes voltava a se transformar em um quadro de diferenças quantitativas, medidas segundo duas dimensões: exigência e responsividade.

Mesmo tendo a vantagem de ser aplicável com uma série muito mais ampla de amostras do que a proposta da Baumrind (1966), definir categorias configuracionais usando dimensões lineares como responsividade e exigência deixa inevitavelmente alguma coisa por fora, e pode ser causa de dificuldades de interpretação. Por exemplo, as diferenças de desenvolvimento de crianças de pais autoritativos e autoritários poderiam ser explicadas só como resultado de um diferente grau de responsividade, sendo esta a única dimensão que diferencia os dois estilos parentais. Na verdade, o que deve ser levado em

conta é que, além das diferenças em termos de responsividade, a qualidade de exigência dos pais autoritários e autoritativos é diferente.

Dornbush e cols. (1987) argumentam que os valores almejados pelos pais na socialização da criança incluem a aquisição de capacidades e comportamentos específicos (maneiras apropriadas, capacidades sociais, habilidades acadêmicas), bem como o desenvolvimento de capacidades mais globais, como curiosidade, pensamento crítico, independência, espiritualidade, capacidade de experimentar alegria e amor. Por isso, para compreender o processo através do qual os pais influenciam o desenvolvimento da criança, os pesquisadores devem manter a distinção entre PRÁTICAS e ESTILOS parentais.

A evolução na definição e compreensão dos estilos parentais, até o momento, permitiu englobar tudo o que contribui para a constituição do clima emocional em que o filho é educado, superando a restrição das práticas disciplinares como simples papel de controle.

O conceito de estilo parental, até agora mostrado na sua perspectiva histórica, tem uma grande relevância prática no evitar interpretações erradas a respeito de associações entre aspectos isolados da conduta dos pais e características dos filhos. Comportamentos específicos dos pais, como por exemplo bater, que acarretam conseqüências no desenvolvimento dos filhos, se analisados isoladamente, sem uma estrutura interpretativa como a oferecida pelo conceito de estilo parental, podem levar a uma interpretação errônea.

Resultados da aplicação dos estudos de estilos parentais

O modelo de Baumrind (1966) foi utilizado primariamente para examinar as conseqüências de socialização durante a infância e muitos estudos sucessivos aplicaram este modelo para explicar variações nos percursos de desenvolvimento da criança (Dornbusch, Ritter, Lieberman, Roberts & Freileigh, 1987; Steinberg, Elmen & Mounds, 1989). Os resultados destas pesquisas corroboram o resultado de pesquisas precedentes, ou seja, filhos de pais autoritativos têm mais benefícios do que filhos com pais negligentes.

Os filhos de pais autoritativos têm sido associados sempre a aspectos positivos como melhor desempenho nos estudos (Steinberg, Darling & Fletcher, 1995; Cohen & Rice, 1997), uso de estratégias adaptativas (Aunola, Sattin & Nurmi, 2000), maior grau de otimismo (Weber, Viezzer e Brandenburg, 2002). Enfim, filhos de pais autoritativos são vistos como socialmente e instrumentalmente mais competentes do que os filhos de pais não autoritativos (Darling, 1999).

Ao contrario do que acontece com os pais autoritativos, os resultados mais negativos aparecem relacionados com os filhos de pais negligentes, que possuem o menor desempenho em todos os domínios. Possuem baixo rendimento escolar, sintomas depressivos e baixa auto-estima (Radziszewska, Richardson, Dent, Flay, 1996; Darling, 1999) e possuem maior índice de estresse (Weber, Biscaia, Pavei & Galvão, 2002).

A necessidade de um instrumento de medida para os estilos parentais, levaram Lamborn, Mounds, Steinberg e Dornbush (1991) a desenvolver duas ferramentas práticas, uma escala de responsividade e uma escala de

exigência, para medir, respectivamente, quanto o adolescente percebe os pais como amorosos, responsivos e envolvidos e quanto eles o supervisionam e monitoram.

As duas escalas criadas para adolescentes, foram repetidamente validadas e aplicadas em diferentes populações nos Estados Unidos e também em outros países. Uma pesquisa interessante que utilizou estas escalas foi a de Steinberg e cols. (1995), na qual realizaram um *follow up* de um ano com uma amostra de adolescentes e encontraram relação entre desempenho escolar e capacidade de desenvolvimento da criança com pais autoritativos. O *follow up*, ainda que de apenas um ano, é uma forma de analisar mais profundamente o impacto das práticas parentais no desenvolvimento dos adolescentes (Steinberg, 1995). Além disso, a pesquisa ajuda diminuir problemas metodológicos de eventuais variáveis omissas na explicação da correlação entre práticas parentais e desenvolvimento do adolescente e aponta a existência ou não de benefícios continuados nas trajetórias de desenvolvimento de adolescentes de ambientes diferentes. O resultado foi que as diferenças entre as conseqüências dos diferentes estilos parentais durante um ano aumentaram ou se mantiveram iguais: após um ano, a diferença de ajustamento entre adolescentes de famílias autoritativas e adolescentes de famílias negligentes aumentaram.

As escalas de Responsividade e Exigência foram validadas no Brasil por Costa, Teixeira e Gomes (2000), que mostraram as implicações de um filho definir os pais como indulgentes ou como negligentes (Costa, Teixeira & Gomes, 2000). Em seguida, as escalas foram adaptadas e para serem

utilizadas com crianças (Weber, Viezzer & Brandenburg, 2002; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, no prelo). Algumas pesquisas foram realizadas relacionando estas escalas com outros instrumentos e os resultados foram consistentes. Encontrou-se que os filhos de pais autoritativos são mais otimistas e que filhos de pais negligentes são mais pessimistas e mais estressados (Weber, Biscaia, Pavei & Galvão, 2002; Weber, Brandenburg & Viezzer, 2003). Também foram encontrados dados que crianças com maiores níveis de sintomas de depressão são filhos de pais negligentes e autoritários (Weber, Viezzer, Maranhã, Mazzarotto, Moschetta, Paula, Brandenburg & Biscaia, 2003) e que a dimensão de responsividade dos pais está correlacionada com maiores habilidades sociais para os filhos (Weber, Pereira & Viezzer, 2003).

A questão intergeracional

Os estilos parentais, além de contar em diversas maneiras no desenvolvimento dos filhos, podem estar contribuindo de modo relevante em determinar o estilo parental que o mesmo filho vai futuramente adotar, se a hipótese de transmissão intergeracional de estilos parentais e práticas educativas for verificada.

Em termos gerais, um recente estudo (Rutter, 1998) destaca os cuidados que os pesquisadores deveriam observar para realizar estudos intergeracionais. Rutter argumenta que as mudanças seculares afetam de uma forma que precisa ser considerada as continuidades ao longo das gerações e

que as mudanças da sociedade, assim como da família, podem ser envolvidas no processo de transmissão intergeracional. Além disso, o estudo põe em evidência a possível variação de significado dos conceitos envolvidos no estudo ao longo das gerações envolvidas e, sobretudo, o fato que normalmente as descontinuidades pesam mais do que as continuidades.

Apesar disso, na literatura não faltam exemplos de pesquisas, descritas na seqüência, que mostram a continuidade intergeracional na transmissão do apego, do vício de fumar cigarros, dos valores sexuais e, em geral, de práticas e estilos parentais, que mostram a importância de estudos intergeracionais para poder prever comportamentos e situações de risco para poder planejar uma atividade preventiva.

Um exemplo é oferecido por uma pesquisa relativa à criança que foge de casa. A pesquisa de Plass e Hotaling (1995) mostra que a criança que sabe que seus pais fugiram de suas casas são expostos a risco maior de fuga dos que filhos de pais que não fugiram, sendo a fuga interpretada como uma estratégia de sucesso para lidar com problemas e conflitos que não aparentam ter outra solução (Plass e Hotaling , 1995).

A pesquisa de Whitbeck, Hoyt, Simons e Conger, (1992), estudou através de um modelo de equações estruturais, a continuidade intergeracional entre depressão e rejeição dos pais. O trabalho replica parcialmente um precedente estudo de Elder (1974) que mostrava um processo de transmissão cíclica pelo qual os traços de personalidade dos pais afetam a relação pais-filhos, que por sua vez, se negativos, aumentam a propensão para problemas

de desenvolvimento na criança. O resultado mostra um percurso de transmissão intergeracional de estado depressivo através a rejeição da criança.

Um outro exemplo é representado por um estudo que examinou a relação entre as habilidades e a personalidade parentais de um grupo de avós e a manifestação de comportamentos de raiva na segunda geração, dos netos (Brook, Tseng, Whiteman & Cohen 1998). As habilidades parentais das avós mostraram correlação negativa significativa com o comportamento de manifestação de raiva nos netos, através falta de transmissão das habilidades parentais das avós para os pais. A pesquisa mostra também como além das habilidades parentais, comportamentos indesejáveis como fumar, e o uso ilegal de drogas, são associados com maiores níveis de expressão de raiva na criança.

No estudo de Serbin, Cooperman, Peters, Lehoux, Stack e Schwartzman (1998) foi analisada a transmissão intergeracional do risco psicossocial em mulheres com histórias de agressão. A pesquisa mostra que mães que foram submetidas à agressão durante a infância, permitem consistentemente prever resultados negativos em todas as áreas de risco intergeracional nos filhos, especialmente quando a agressão resulta combinada com exclusão social (*social withdrawal*) e baixos resultados escolares.

Mais recentemente, Brook, Whiteman e Zheng (2002), estudaram a transmissão intergeracional dos fatores de risco para comportamentos problemáticos ao longo de três gerações, avós, pais e filhos. Correlação e regressão múltipla hierárquica indicam que a relação avós-pais, os atributos da personalidade parental, o nível de harmonia parental, o uso de drogas e a

relação pais-neonatos, são indicadores que podem prever o futuro comportamento da criança. O estudo mostra que em um processo longitudinal e intergeracional, a relação avós-pais, a personalidade dos pais e os atributos comportamentais são transmitidos ao longo das gerações através da associação com a relação pais-filhos. Relativamente à transmissão de estilos e práticas parentais, diversos pesquisadores estudaram os estilos parentais e suas relações com hostilidade e punição (Marshall, Alexander, Cull, Buckner, Jackson & Powel, 1994).

Outras pesquisas enfocaram a transmissão entre gerações de práticas parentais abusivas (Kaufman & Zigler, 1989; Simons, Whitbeck, Conger & Chyi-In, 1991) ou punitivas (Muller, Hunter & Stollak, 1995) e atitudes parentais de rejeição (Lette & Adolfsson, 2000). Hardy, Astone, Brooks-Gunn, Shapiro e Miller (1998) encontraram continuidade entre o comportamento parental das mães e das filhas, mas dados muito menos consistentes e estatisticamente representativos entre mães e filhos.

Blount e Robinson (1998) estudaram estilos punitivos para verificar a hipótese de existência de uma relação entre história de punição, atitudes favoráveis às práticas punitivas e estilos punitivos na idade adulta. O resultado do estudo com adolescentes mostrou que a história de punição de um indivíduo é um fator altamente significativo para a aprovação daquele tipo de punição (física, verbal, a combinação das duas) e que os estilos punitivos são transgeracionais, não sendo influenciado pela ordem das perguntas nem pelo gênero ou ambiente.

Uma outra pesquisa recente (Oliveira, Marin, Pires, Frizzo, Ravanello & Rossato, 2002) encontrou correlação positiva entre o autoritarismo dos avós e das mães, mostrando que as filhas educadas por mães autoritárias tenderam a adotar este mesmo estilo parental com seus próprios filhos. A conclusão deste estudo é que quanto mais uma mãe percebe sua história de criação como tendo sido autoritária, maior sua chance de desenvolver uma atitude conjugal conflituosa, ou que, por sua vez, reflete num maior autoritarismo materno para com a criança pequena. Além disso, a pesquisa mostra que uma experiência de criação autoritária aumenta a chance de uma mãe repetir esse estilo parental na medida que suas próprias atitudes conjugais se tornam mais hostis e conflituosas.

Percebe-se, então, que apesar das controvérsias, muitas pesquisas apontam para ocorrência de uma continuidade comportamental de uma geração para outra, ou seja, muitos comportamentos dos pais são transmitidos e replicados para seus filhos. Baseada nessa hipótese de continuidade intergeracional, a presente pesquisa baseou-se nesta hipótese e delineou-se com os objetivos apresentados na seqüência.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Esta pesquisa tem como objetivo geral verificar a hipótese de que os estilos parentais se transmitem de uma geração para outra, utilizando as escalas de Exigência e Responsividade de Lamborn e cols. (1991) e suas eventuais relações com práticas parentais, medidas pelas Escalas de Qualidade da Interação Familiar (EQIF) elaboradas de Weber e cols. (2002, 2003).

Objetivos específicos

- Investigar a distribuição de estilos parentais entre pais de adolescentes de risco social e comparar os dados com os da literatura;
- Verificar se há transmissão intergeracional de estilo parental e se esta tem uma relação com o gênero;
- Verificar a intensidade da eventual transmissão intergeracional de estilos parentais;
- Analisar a possível relação entre estilos parentais e qualidade de interação familiar relativamente aos estilos que com mais frequência se transmitiram.

MÉTODO

Participantes

Os participantes foram 233 alunos que freqüentam cursos técnico-profissionalizantes no Centro Profissionalizante Rede Esperança. Deste total, foram separados e utilizados para as finalidades da pesquisa os 139 questionários dos participantes em idade entre 15 e 21 anos que responderam todas as questões, equivalendo ao 59,6% dos respondentes. A média de idade encontrada foi de 17,69 anos, com desvio padrão de 1,45.

De 139 participantes, foram selecionados 79 jovens que declararam terem sido criados pelos dois pais, e, com os pais deles, foram aplicadas as Escala de Exigência e Responsividade (Lamborn e cols., 1991). Foi pedido para os alunos entregarem os questionários para os pais, com uma carta anexa (Ver Anexo D) explicando as finalidades da pesquisa e como interpretar as perguntas para responder corretamente. A amostra é composta por apenas os jovens e seus pais (mãe e pai) que responderam a todos os itens das duas escalas utilizadas. 42 alunos entregaram os questionários completados pelos pais.

Em resumo, participaram da análise intergeracional desta pesquisa 42 adolescentes e seus pais e mães. Todas as famílias envolvidas na pesquisa pertencem a um nível socioeconômico baixo (renda familiar total abaixo de três salários mínimos). O critério de admissão e este dado sobre a renda foram fornecidos diretamente pelo departamento social da instituição.

Instrumentos

O primeiro instrumento utilizado para avaliar a qualidade de interação familiar, nomeado de “Escala de Qualidade de Interação Familiar” (EQIF), foi elaborado por Weber & cols. (Anexos A e B). O instrumento contém 72 questões, previamente submetidas a processo de validação, é divididas em 12 diferentes escalas: relacionamento afetivo (questões 1, 10, 19, 38, 49, 59, 65 e 71), envolvimento (questões 11, 27, 39, 51 e 60), regras (questões 12, 22, 40, 41, 48, 67 e 69), reforçamento (questões 2, 13, 20, 28, 61 e 68), modelo (questões 9, 37 e 58), sentimento dos filhos (questões 18, 35, 64, 70 e 72), comunicação negativa (questões 6, 23, 32, 44, 54 e 62), comunicação positiva – iniciativa dos pais (questões 5, 7, 15, 24, 31, 33, 43, 53 e 66), comunicação positiva – iniciativa dos filhos (questões 45, 55 e 63), punição inadequada (questões 3, 4, 14, 21, 29, 30, 42 e 52), clima conjugal positivo (questões 16, 17, 25, 26, 46, 47 e 50) e clima conjugal negativo (questões 8, 34, 36, 56 e 57). Estas questões podem ser vistas no Anexo A e as dimensões no Anexo B. As questões foram feitas para os jovens responderem em relação às atitudes de seus pais (pai e mãe separadamente), à interação que existe em sua família e aos seus próprios sentimentos. As questões são avaliadas por meio de um sistema Likert de 5 pontos. Cada escala fornece um escore (soma das respostas de cada questão) e pode ser analisada uma a uma, separadamente, de acordo com os interesses do aplicador, ou em conjunto com todas as outras escalas, analisando de forma global um padrão de interação familiar (Weber e cols, 2003).

As escalas de Responsividade e Exigência de Lamborn e cols (1991) contêm seis questões sobre exigência parental e dez questões sobre responsividade parental avaliadas por meio de um sistema Likert de 3 pontos. Deste instrumento, foram utilizadas duas versões, uma preenchida pelos adolescentes e referentes aos pais deles (Anexo C); a outra versão foi aplicada aos pais dos adolescentes que responderam sobre a própria infância e adolescência (Anexo D).

As escalas de exigência e responsividade traduzidas neste estudo foram utilizadas por Lamborn e cols. (1991) em uma pesquisa que investigou a relação entre estilos parentais e padrões de competência e ajustamento na adolescência. As escalas nasceram originalmente com oito e dez itens para exigência e responsividade, respectivamente, nos quais os adolescentes relatavam as atitudes e práticas de seus pais para consigo. Para a formulação inicial deste instrumento, os itens das escalas foram escolhidos dentro de diversas pesquisas sobre dimensões de práticas parentais, procedendo com uma análise fatorial exploratória com rotação oblíqua. Esta análise evidenciou a presença de três fatores principais: responsividade, exigência e autonomia psicológica. Contudo, para classificar os estilos parentais segundo o modelo de Maccoby e Martin (1983), foram utilizadas, nas análises de Lamborn e cols. (1991), somente as primeiras duas dimensões. Os coeficientes de consistência interna (*alpha* de Cronbach) foram de 0,76 e de 0,72 para as escalas de exigência e de responsividade, respectivamente, considerando conjuntamente os escores de pais e mães. Nenhuma das escalas apresentou itens com sentido oposto ao que se previa avaliar.

Para a identificação dos estilos procedeu-se como na literatura (Costa e cols., 2000), utilizando o valor da mediana para discriminar os valores altos e baixos nas dimensões de exigência e de responsividade, com resultado de 28 e 46,5 pontos, respectivamente, sem recorrer, como no estudo de Lamborn e cols. (1991), à comparação entre os resultados da classificação através de *tercis* com os valores observados com o critério da mediana. Isso porque, no acima citado estudo, não foram encontraram diferenças substanciais entre os dois procedimentos. Enfim, os estilos parentais foram classificados de acordo com a definição operacional apresentada na revisão de literatura deste trabalho.

Procedimentos

Foi inicialmente feito contato com o presidente da associação Rede Esperança, solicitando permissão para aplicar os questionários com os alunos da entidade, explicando as finalidades e as hipóteses de trabalho, os cuidados éticos no tratamento dos dados, e mostrando as escalas a serem utilizadas na pesquisa.

Foram aplicadas as escalas de responsividade e exigência e as escalas EQIF aos participantes adolescentes (os quais nesta pesquisa são considerados como G3), em grupos de 15, para conhecer as dimensões de qualidade de interação familiar e os estilos dos seus pais (definidos como G2). As escalas foram aplicadas indistintamente para todos os alunos, de qualquer

idade, para sucessivamente separar os que satisfaziam os critérios estabelecidos.

Houve solicitação para aplicar as escalas de responsividade e exigência com os pais dos adolescentes, para conhecer os estilos dos avós deles (considerados G1) e comparar com as declarações dos filhos. Nos questionários dos alunos, foram registrados os nomes para poder fazer a comparação com os pais. Assim que estiveram disponíveis as respostas dos pais, houve eliminação definitiva dos nomes dos alunos e substituição com códigos impessoais. Foram tomados os cuidados éticos para a manutenção do sigilo. Os dados finais foram disponibilizados para os alunos e suas famílias no local da Rede Esperança.

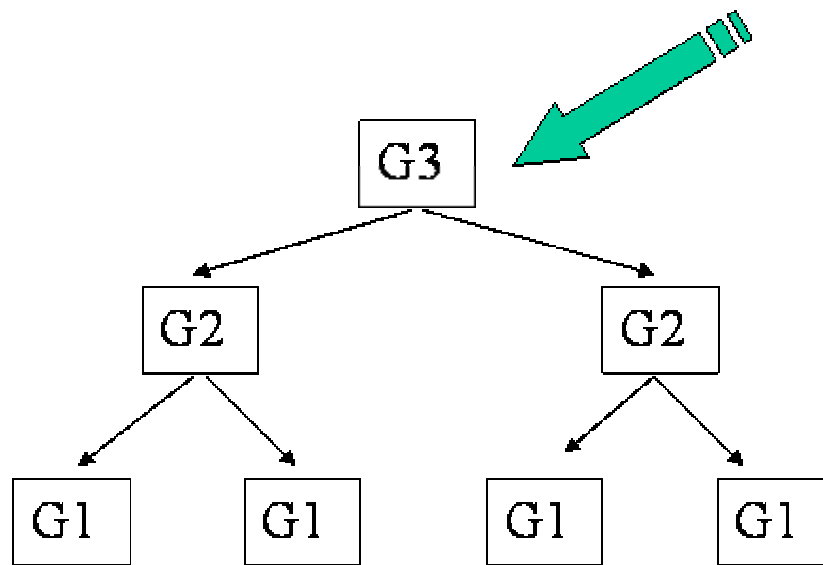


Figura 1 – Representação esquemática das análises realizadas com os participantes.

Análise dos dados

Após a categorização dos dados, foi feito o cálculo da frequência relativa de estilos parentais, agregada e dividida por sexo, para as duas amostras, a dos adolescentes e a dos pais. Todos os testes foram realizados com nível de significância de 95% ($\alpha=0,05$).

Foi realizado um teste de normalidade para verificar a possibilidade de aplicação dos testes às escalas de Responsividade e Exigência e às EQIF.

Foi verificada com a análise fatorial, com teste de esfericidade e de Kaiser-Meier-Olkin a aplicabilidade com os pais das escalas de exigência e responsividade e comparar o resultado com o achado com respeito aos adolescentes. A mesma análise foi realizada para as EQIF.

Foi calculado o índice *alpha* de Cronbach para testar a coerência interna dos itens das escalas de exigência e responsividade e das dimensões das EQIF.

Foi utilizado o teste *t* para amostras pareadas para realizar as comparações intrageracionais entre pais e mães, avôs e avós e o teste *t* para amostras independentes, para verificar se os escores de exigência e responsividade são influenciados pelo gênero do respondente.

Foi aplicado o teste *qui-quadrado*, para verificar intra e intergeracionalmente a hipótese de proporção homogênea na distribuição de frequência de estilos parentais.

Para maiores esclarecimentos dos resultados seguintes, será definido o que foi considerado como transmissão intergeracional de estilos parentais.

Teoricamente, há pelo menos duas possibilidades significativas para poder-se definir se um estilo parental se transmitiu de uma geração para a outra.

Uma primeira definição, estabelece que há transmissão dos avós para os pais (G1 para G2) de estilo parental se o estilo do G2 é o mesmo estilo de ambos os G1. A segunda definição, estabelece que há transmissão intergeracional se o estilo dos pais (G2) é igual ao estilo de pelo menos um dos dois avós.

O primeiro critério define a transmissão intergeracional de forma completa e exaustiva, de maneira que todos os raciocínios e conclusões a serem trazidas em termos de intergeracional teriam muita mais força e, no limite da validade estatística deles, nenhuma exceção.

Já o segundo critério amplia a extensão da aplicação teórica do conceito, pelo fato de dobrar o número de casos teóricos nos quais pode-se falar que houve a transmissão, mas define a transmissão intergeracional de forma menos forte do que o primeiro critério, sendo suficiente que um dos avós tenha o mesmo estilo de um dos pais (G2) para que se possa dizer que o estilo parental em questão foi transmitido.

Apesar de o primeiro critério ser mais robusto em termos das possíveis conclusões, para este trabalho serão utilizados somente os resultados de transmissão intergeracional devido a uma razão lógico – metodológica. A razão desta escolha deve-se ao fato que a definição mais completa, para ser aplicável, requer que os avós tenham um certo estilo e que este seja igual ao do filho ou filha deles. Ou seja, para ser aplicável, é necessária que a igualdade de estilos seja intra e intergeracionalmente, não se podendo porém aceitar por

um critério lógico – epistemológico que o tipo de relações entre estilos de pais da mesma geração, no caso dos avós, se tornem obstáculo para analisar as relações ao longo de duas gerações. Em outras palavras, se não fosse escolhida a segunda definição, um requisito intrageracional tornar-se-ia obstáculo para a compreensão da intergeracionalidade. Portanto, para as argumentações e conclusões deste trabalho, será utilizada a segunda definição indicada.

Foram analisadas, com o índice de correlação de *Pearson*, as dimensões de responsividade e exigência dos pais com os avós e adolescentes com seus pais. Também foi calculado o índice de correlação entre as escalas EQIF e as dimensões de responsividade e exigência.

Foi feita uma análise qualitativa com as respostas das EQIF para verificar a diferença dos estilos parentais que se transmitiram e uma comparação com teste *t* para verificar se o padrão de resposta aos itens das EQIF é diferente com relação a mães e pais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

I. ANÁLISE INICIAL DAS ESCALAS DE RESPONSABILIDADE E EXIGÊNCIA E DA ESCALAS DE QUALIDADE DE INTERAÇÃO FAMILIAR - EQIF

1. Teste de normalidade das escalas de responsividade e exigência

Para que se possam aplicar uma série de testes estatísticos aos dados da amostra, é preciso verificar a hipótese que os dados referentes à mesma tenham uma distribuição normal. Por esta razão, foi aplicado aos escores de responsividade e exigência dos pais e mães (G2), o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov.

Contrariamente ao esperado, com exceção da exigência dos pais ($p=0,05$), todos os valores deram resultado significativo ($p<0,05$), indicando que as relativas respostas não tem distribuição normal. Isso quer dizer que, se não for possível demonstrar que a amostra é constituída por subgrupos de sujeitos cujas respostas tem distribuição normal, faltaria uma condição fundamental para a aplicação dos sucessivos testes. Para verificar se o gênero dos respondentes representa um possível critério de corte da amostra em subgrupos com distribuição normal, o teste de normalidade foi aplicado aos escores dos mesmos sujeitos separados (*data split*) pelo sexo dos respondentes adolescentes (G3).

Conforme previsto, a resultado do teste com a amostra assim separada não foi significativo ($p=0,095$ e $p=0,143$ para a exigência e responsividade dos pais; $p=0,178$ e $p=0,103$ para a exigência e responsividade das mães), mostrando que existe a possibilidade de dividir a amostra em dois subgrupos,

separados pelo gênero do adolescente respondente, cada um caracterizado por distribuição normal. Este resultado levou a aceitar a opção de aplicar testes paramétricos baseados na distribuição normal da amostra. A aplicação do teste de normalidade aos escores de exigência e responsividade de pais e mães combinados ($p=0,289$ e $p=0,149$ respectivamente, para exigência e responsividade) confirmou a possibilidade de considerar normal a distribuição das respostas dos pais (G2).

O mesmo teste de normalidade, aplicado com os avós (G1), mostrou que os escores de exigência percebida pelas mães a respeito dos avós ($p=0,027$) e das avós ($p=0,045$) e pelos pais a respeito das avós G2 ($p=0,01$) não podem ser considerados normalmente distribuídos. Nos restantes casos, o valor do teste foi porém robustamente positivo, o que levou a aceitar em geral a hipótese de distribuição normal das respostas.

2. Teste de normalidade das escalas EQIF

Para verificar a hipótese que as respostas das escalas EQIF tenham uma distribuição normal, foi aplicado um teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov. Foram analisados os escores dos pais e das mães (G2), classificados nas dimensões das EQIF, obtendo-se como resultado que, nos casos de “relacionamento afetivo” (mãe), “envolvimento” (mãe e pai), “regras” (mãe e pai), “punição inadequada” (mãe e pai), “comunicação negativa” (pai) e “sentimento dos filhos” (mãe e pai), o resultado do teste ($p<0,05$) sempre induziu a rejeitar a hipótese de normalidade. Isso significa que, para poder considerar normal a distribuição das respostas e assim poder aplicar os

sucessivos testes, é preciso demonstrar que a amostra é constituída por subgrupos de sujeitos, cujas respostas têm distribuição normal. Para verificar se o gênero dos respondentes representa um possível critério de corte da amostra em subgrupos com distribuição normal, o teste de normalidade foi aplicado aos escores separados (*data split*) pelo sexo do respondente (G3). Conforme previsto, houve somente uma exceção à confirmação de distribuição normal, representada pela dimensão “sentimento dos filhos”, nas 11 demais dimensões separadas por sexo, o teste mostrou um resultado não significativo ($p>0,05$), levando a aceitar a hipótese de distribuição normal da amostra.

Enfim, para verificar o resultado no caso mais geral, foi aplicado o mesmo teste aos escores conjuntos dos pais G2 nas dimensões das EQIF. O resultado do teste revelou-se, conforme esperado, não significativo para todos os casos ($p>0,05$), com única exceção constituída pela dimensão “sentimento dos filhos”, permitindo aceitar a hipótese de distribuição normal dos escores da amostra.

3. Análise fatorial das escalas de responsividade e exigência

Apesar das escalas de responsividade e exigência terem sido testadas e validadas em numerosos casos, pensou-se na exigência de realizar a análise fatorial pelo fato que, como acima descrito, as escalas foram validadas com adolescentes, enquanto neste trabalho, apesar de serem traduzidas para o tempo passado, as escalas são aplicadas com pais adultos a quem requere-se lembrar comportamentos e tentativas de comportamentos de seus próprios

pais. Contudo, a confiabilidade do instrumento anteriormente comprovada pela literatura citada, sugeriu a realização de uma análise para identificar o perfil de carregamento em duas dimensões ao invés de deixar o sistema livre para identificar eventuais outras dimensões potencialmente significativas.

Aplicou-se a análise fatorial para verificar a estrutura de carregamento dos pais (G2), para ter um parâmetro de referência para a comparação e a interpretação dos resultados e, em seguida, aplicou-se aos avós (G1) para verificar a possibilidade de utilizar um instrumento adaptado para um público adulto e validado só com público de crianças e adolescentes.

A primeira verificação foi relativa ao tipo de carregamento entre exigência e responsividade dos pais e das mães (G2). A aplicação do teste de Kaiser-Meier-Olkin mostrou que 79,22% da variância dos 16 itens pode ser explicada pelos dois fatores identificados. O valor do teste ($p=0,474$) permitiu concluir que a amostra utilizada pode ser satisfatoriamente utilizada para o sucessivo trabalho de análise.

O resultado do teste de esfericidade de Bartlett ($p<0,001$) excluiu a hipótese que as variáveis não sejam correlacionadas entre si, sustentando assim a aplicação da análise fatorial ao modelo. O resultado da tabela de *communalities*, cujo menor valor foi de 0,729, foi consistente com o teste de Kaiser-Meier-Olkin e indicou uma elevada contribuição de cada item para a análise final.

Os valores de carregamento não permitiram contrastar de forma suficientemente clara os dados, tornando-se portanto necessária uma rotação *varimax*. A relativa tabela de carregamento rotacionada, indicada na Tabela 1,

mostra um perfil de carregamento com duas dimensões distintas, incluindo no mesmo componente a exigência e a responsividade das mães e no outro a exigência e a responsividade dos pais (sexo masculino).

Tabela 1 – Valores de carregamento de Exigência e Responsividade de pais e mães (G2)

	<i>Componente 1</i>	<i>Componente 2</i>
Exigência Pai (G2)	0,866	0,231
Responsividade Pai (G2)	0,916	
Exigência Mãe (G2)	0,117	0,881
Responsividade Mãe (G2)	0,181	0,834

Não são indicados na tabela os valores < 0,1

Um resultado idêntico (em termos do perfil de carregamento) foi obtido quando a análise fatorial foi aplicada para cada item das escalas, obtendo, como mostrado na Tabela 2, o carregamento de todos os itens das mães em uma dimensão e de todos os itens dos pais na outra. O total da variância explicada pelos dois fatores foi de 41,43%.

Tabela 2 – Valores de carregamento de pais e mães (G2) separados

	<i>Componente 1</i>	<i>Componente 2</i>
Responsividade pai pergunta 7	0,801	
Responsividade pai pergunta 8	0,738	
Responsividade pai pergunta 13	0,725	
Responsividade pai pergunta 15	0,681	
Responsividade pai pergunta 9	0,668	
Responsividade pai pergunta 14	0,651	
Exigência pai pergunta 6	0,644	
Responsividade pai pergunta 11	0,644	
Exigência pai pergunta 4	0,642	
Exigência pai pergunta 1	0,641	
Exigência pai pergunta 3	0,634	
Responsividade pai pergunta 12	0,619	
Responsividade pai pergunta 10	0,612	
Exigência pai pergunta 5	0,595	
Exigência pai pergunta 2	0,576	
Responsividade pai pergunta 16	0,571	

Responsividade mãe pergunta 13	0,719
Responsividade mãe pergunta 8	0,683
Responsividade mãe pergunta 15	0,670
Exigência mãe pergunta 6	0,658
Responsividade mãe pergunta 16	0,651
Exigência mãe pergunta 3	0,635
Responsividade mãe pergunta 7	0,631
Responsividade mãe pergunta 14	0,626
Exigência mãe pergunta 5	0,606
Exigência mãe pergunta 2	0,582
Responsividade mãe pergunta 12	0,577
Responsividade mãe pergunta 9	0,565
Responsividade mãe pergunta 11	0,528
Exigência mãe pergunta 4	0,528
Responsividade mãe pergunta 10	0,507
Exigência mãe pergunta 1	0,472

*Não são indicados na tabela os valores < 0,1

Para discriminar o perfil de carregamento relativamente às variáveis de exigência e responsividade e assim verificar a aplicabilidade do modelo para a pesquisa, foi realizada a análise fatorial com os escores conjunto das respostas sobre as mães e pais G2. Por isto, foi aplicado o teste de Kaiser–Meier–Olkin, com resultado satisfatório ($p=0,883$) e o teste de esfericidade de Bartlett ($p<0,001$) permitiu submeter o modelo à análise fatorial. Os resultado da tabela de *communalities*, com valores entre 0,412 e 0,655 foi consistente com o teste de Kaiser-Meier-Olkin e indicou uma contribuição satisfatória de cada item para a análise sucessiva.

Como a tabela de carregamento não discriminou suficientemente os dados, carregando principalmente na primeira dimensão, foi realizada uma rotação *varimax*, com resultados expostos na Tabela 3. A expectativa, conforme os resultados da literatura (Costa & cols., 2000), foi que as primeiras 6 perguntas, relativas à exigência, carreguem principalmente em uma só dimensão, enquanto as perguntas relativas à responsividade carreguem na outra. Os resultados mostraram com uma separação nítida, e sem exceções, dos escores de exigência e da responsividade nos dois componentes. Os dois componentes explicaram o 51,53% da variância total.

Tabela 3 – Valores de carregamento de escores dos pais (G2) conjuntos

	Componente 1	Componente 2
Responsividade pais conjunta pergunta 13	0,784	0,166
Responsividade pais conjunta pergunta 8	0,772	0,226
Responsividade pais conjunta pergunta 12	0,713	
Responsividade pais conjunta pergunta 7	0,692	0,245
Responsividade pais conjunta pergunta 9	0,679	0,187
Responsividade pais conjunta pergunta 15	0,654	0,274
Responsividade pais conjunta pergunta 10	0,601	0,233
Responsividade pais conjunta pergunta 11	0,584	0,240
Responsividade pais conjunta pergunta 16	0,562	0,212
Responsividade pais conjunta pergunta 14	0,474	0,433
Exigência conjunta pais pergunta 6	0,186	0,788
Exigência conjunta pais pergunta 4	0,131	0,757
Exigência conjunta pais pergunta 5	0,200	0,749
Exigência conjunta pais pergunta 3	0,279	0,679
Exigência conjunta pais pergunta 1	0,179	0,667
Exigência conjunta pais pergunta 2	0,341	0,582

Não são indicados na tabela os valores < 0,1

Um procedimento análogo ao aplicado com os pais (G2) foi feito com os avós (G1), avaliando conjuntamente as variáveis das respostas de mães e pais. No caso, o teste de Kaiser–Meier-Olkin mostrou um resultado satisfatório ($p=0,503$) e o teste de esfericidade de Bartlett teve um valor de significatividade ($p<0,001$) que levou a continuar a análise fatorial. Os resultado da tabela de *communalities*, coerentemente com o teste de Kaiser-Meier-Olkin, indicou uma contribuição satisfatória de cada item para a análise final.

Como já acontecido no equivalente contexto dos G2, a tabela de carregamento não permitiu discriminar as duas dimensões. Foi, portanto, aplicada uma rotação *varimax*, que identificou um perfil de separação nítida e sem exceções dos itens referentes às mães e os referentes aos pais, conforme a Tabela 4 mostra.

Tabela 4 - Valores de carregamento de avós e avôs (G1) separados

	<i>Componente 1</i>	<i>Componente 2</i>
Exigência avós pergunta 3	0,835	0,222
Responsividade avós pergunta 8	0,832	
Responsividade avós pergunta 7	0,823	0,176
Exigência avós pergunta 2	0,814	0,200
Exigência avós pergunta 6	0,797	
Exigência avós pergunta 5	0,795	
Responsividade avós pergunta 14	0,762	0,129
Responsividade avós pergunta 12	0,761	0,207
Responsividade avós pergunta 9	0,726	0,217
Exigência avós pergunta 1	0,723	0,129
Responsividade avós pergunta 16	0,721	0,183
Exigência avós pergunta 4	0,694	
Responsividade avós pergunta 13	0,668	0,294
Responsividade avós pergunta 15	0,636	0,335
Responsividade avós pergunta 11	0,630	0,366
Responsividade avós pergunta 10	0,608	
Exigência avôs pergunta 1	0,296	0,806
Responsividade avôs pergunta 11	0,142	0,748
Responsividade avôs pergunta 12		0,722
Responsividade avôs pergunta 13	-,0122	0,694
Responsividade avôs pergunta 14		0,688
Responsividade avôs pergunta 7	0,365	0,667
Exigência avôs pergunta 6		0,662
Exigência avôs pergunta 3	0,318	0,648
Responsividade avôs pergunta 15		0,645
Exigência avôs pergunta 4	0,165	0,620
Responsividade avôs pergunta 8	0,380	0,618
Exigência avôs pergunta 2	0,312	0,609
Responsividade avôs pergunta 16	0,333	0,581
Responsividade avôs pergunta 10	0,174	0,570
Exigência avôs pergunta 5	0,335	0,543
Responsividade avôs pergunta 9	0,130	0,533

*Não são indicados na tabela os valores < 0,1

Para verificar a possibilidade de utilizar as escalas com os adultos, foi necessário identificar se o tipo de carregamento dos avós (G1) a respeito das variáveis de exigência e responsividade estava de acordo com a teoria. Sendo os avós (G1) o desdobramento dos pais (G2), a análise foi aplicada inicialmente com as respostas dos pais (G2 – sexo masculino), e

sucessivamente com as mães G2. O resultado do teste de Kaiser–Meier–Olkin ($p=0,706$) e o do teste de esfericidade de Bartlett ($p<0,001$) não apresentaram obstáculos de validade estatística para a continuação da análise relativa à percepção do estilo dos avós pelos pais (G2 – sexo masculino).

Os resultado da tabela de *communalities*, com valores entre 0,421 e 0,758 foi consistente com o teste de Kaiser-Méier-Olkin e indicou uma contribuição satisfatória dos itens para a análise fatorial.

Os resultados de carregamento não discriminaram as dimensões pelo fato de destacar um só componente. Foi portanto realizada uma rotação *varimax*, com resultados expostos na Tabela 5.

Tabela 5 - Valores de carregamento dos escores relativos às avós (G1) na percepção dos pais (homens)

	Componente 1	Componente 2
Exigência avós – percepção pai pergunta 4	0,799	
Exigência avós – percepção pai pergunta 1	0,790	0,367
Exigência avós – percepção pai pergunta 3	0,756	0,271
Exigência avós – percepção pai pergunta 2	0,745	0,244
Exigência avós – percepção pai pergunta 5	0,734	0,124
Exigência avós – percepção pai pergunta 6	0,693	
Responsividade avós – percepção pai pergunta 14	0,660	0,210
Responsividade avós – percepção pai pergunta 7	0,577	0,425
Responsividade avós – percepção pai pergunta 13	0,119	0,781
Responsividade avós – percepção pai pergunta 16	0,173	0,773
Responsividade avós – percepção pai pergunta 9		0,771
Responsividade avós – percepção pai pergunta 12	0,171	0,761
Responsividade avós – percepção pai pergunta 11	0,346	0,639
Responsividade avós – percepção pai pergunta 10	0,146	0,633
Responsividade avós – percepção pai pergunta 8	0,405	0,623
Responsividade avós – percepção pai pergunta 15	0,353	0,579

Não são indicados na tabela os valores $< 0,1$

O resultado dos avós foi menos nítido do equivalente caso dos pais. Houve de fato um carregamento das perguntas relativas à exigência em uma dimensão e as relativas à responsividade em outra, mas duas perguntas teoricamente partes da dimensão de responsividade, a 7 e a 14, carregaram na dimensão da exigência.

Também no caso das mães, o teste de Kaiser-Meier-Olkin apresentou um resultado conforme esperado ($p=0,851$) e o teste de esfericidade de Bartlett ($p<0,001$) confirmou a possibilidade de submeter o modelo à sucessiva análise. O resultado da tabela de *communalities*, com valores entre 0,442 e 0,752 foi consistente com o teste de Kaiser-Méier-Olkin e indicou uma contribuição satisfatória dos itens para a análise fatorial.

A tabela de carregamento não permitiu discriminar o perfil de carregamento nas duas dimensões e foi portanto realizada uma rotação *varimax*, com resultados expostos na Tabela 6.

Tabela 6 – Valores de carregamento dos escores relativos aos avós (G1) na percepção das mães

	Componente 1	Componente 2
Exigência avós – percepção mãe pergunta 2	0,828	0,177
Exigência avós – percepção mãe pergunta 5	0,807	0,254
Exigência avós – percepção mãe pergunta 6	0,804	0,273
Exigência avós – percepção mãe pergunta 3	0,782	0,375
Exigência avós – percepção mãe pergunta 4	0,720	0,239
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 8	0,669	0,522
Exigência avós – percepção mãe pergunta 1	0,668	0,213
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 14	0,661	0,448
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 7	0,609	0,605
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 15	0,549	0,485
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 16	0,543	0,533
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 13	0,230	0,827
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 9	0,257	0,804
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 10	0,143	0,773
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 12	0,399	0,733
Responsividade avós – percepção mãe pergunta 11	0,468	0,555

Não são indicados na tabela os valores < 0,1

Como mostrado na Tabela 6, os itens 7, 8, 14, 15 e 16, ou seja, metade dos componentes da dimensão da exigência, carregaram principalmente no componente onde carregam os itens da exigência. Vale ressaltar que, apesar deste tipo de carregamento não corresponder ao esperado e à literatura, os dados apresentam valores de carregamento significativos, sequer menores, na dimensão

“correta”, com só marginais diferenças em termos relativos e absolutos nos valores de carregamento dos itens 7, 15 e 16. A força desta informação, mais do que nos induzir a entender as escalas como inadequadas quando aplicadas com os adultos, parece significar que na aplicação delas em idades mais avançadas, acaba se perdendo o corte nítido e entre exigência e responsividade, ou seja, e a nitidez do perfil de carregamento mostrado no caso dos adolescentes deixa o lugar para a indefinição de categorização em respostas dadas por adultos. Esta incongruência pode ser explicada pelo fato que as perguntas que mais carregaram na dimensão “certa” com exceção da pergunta 8, foram as mais diretas e inequívocas. Por esta razão, provavelmente mais fáceis para responder de forma coerente depois da passagem de diversos anos entre o acontecido e a avaliação do comportamento dos pais, o que inclui sempre uma re-elaboração das atitudes dos pais (com toda a questão emocional, de mitificação ou desmistificação dos pais).

A comparação dos resultados entre duas gerações e entre os G1 relativamente ao sexo dos pais permite concluir que:

a) As escalas de responsividade e exigência se confirmaram um instrumento muito confiável para classificar os estilos parentais da amostra utilizada, constituída por adolescentes de baixa renda e baixa escolaridade em busca de primeiro emprego.

b) As escalas se revelaram instrumento menos precisos quando utilizados por adultos do que com os adolescentes, mas também pelas razões acima aduzidas, uma ferramenta suficientemente fidedigna para poder ser utilmente aproveitada na comparação intergeracional de estilos parentais.

4. Confiabilidade escalas de responsividade e exigência

Em relação à escala de responsividade e exigência, os valores de confiabilidade medidos pelo *alpha* de Cronbach das respostas relativas aos pais dos adolescentes são apresentadas na Tabela 7.

Tabela 7 - Apresentação dos *alpha* de Cronbach dos pais (Gs)

Dimensões	Alpha
Exigência pai	0,8430
Exigência mãe	0,8199
Responsividade pai	0,8914
Responsividade mãe	0,8713
Exigência conjunto pai+mãe	0,8286
Responsividade conjunto pai + mãe	0,8779

Em relação à aplicação da escala com os avós (G3) dos adolescentes os resultados do *alpha* estão na Tabela 8:

Tabela 8 - Apresentação dos *alpha* de Cronbach dos avós (G3), dimensões separadas e agrupadas

Dimensões separadas	alpha
Exigência avó materna	0,8986
Exigência avó paterna	0,8645
Exigência avô materno	0,7762
Exigência avô paterno	0,7970
Responsividade avó materna	0,8922
Responsividade avó paterna	0,8898
Responsividade avô materno	0,8519
Responsividade avó paterna	0,8917
Dimensões agrupadas	
Exigência conjunto pai (avós paternos combinados)	0,8380
Exigência mãe (avós maternos combinados)	0,9188
Responsividade pai (avós paternos combinados)	0,8971
Responsividade mãe (avós maternos combinados)	0,9134

5. Análise fatorial EQIF – escalas de qualidade de interação familiar

Como já realizado com as escalas de responsividade e exigência, foram aplicados, aos dados das EQIF, os testes de Kaiser-Meier-Olkin e de esfericidade de Bartlett, cujos valores ($p=0,877$ e $p<0,001$, respectivamente) permitiram proceder nas sucessivas etapas da análise fatorial.

A tabela de *communalities* mostrou que a contribuição de cada item para a análise final é sempre muito elevada: com exceções as dimensões “comunicação positiva – iniciativa dos filhos” com valor 0,679 e a dimensão “modelos”, com valor 0,677, todos os itens evidenciaram valores acima de 0,729. A Tabela 9, que mostra a variância explicada, mostrou que, considerando somente as 3 dimensões com autovalores (*eigenvalue*) >1 , em vez de 12 originais, estaria se utilizando um valor satisfatório de informação (76,7%).

Tabela 9 - Apresentação da variância total

Componentes	Autovalores iniciais		Valores rotacionados	
	Total	% da Variância	Total	% da Variância
1	6,275	52,293	4,499	37,490
2	1,855	15,459	2,619	21,822
3	1,074	8,952	2,087	17,392
4	0,538	4,487		
5	0,425	3,544		
6	0,402	3,350		
7	0,361	3,008		
8	0,332	2,766		
9	0,243	2,027		
10	0,199	1,660		
11	0,187	1,561		
12	0,107	0,894		

Não são indicados na tabela os valores $< 0,1$

Aprofundando a análise das 3 dimensões classificadas pela tabela de carregamento (Tabela 10), destacaram-se que os itens “relacionamento afetivo”, “envolvimento”, “regras”, “reforçamento”, “comunicação positiva - iniciativa dos pais”, “comunicação positiva iniciativa dos filhos”, “clima conjugal positivo”, “modelos” e “sentimento dos filhos” carregaram principalmente no mesmo componente. As dimensões “punição inadequada”, “comunicação negativa” e “clima conjugal negativo” carregaram em outro componente. O terceiro componente identificado mostrou um nível de carregamento elevado, apesar de menor do valor do primeiro componente, nas dimensões “clima conjugal positivo”, “modelos”, e “sentimento dos filhos”, e valores de carregamento menores do que os da segunda dimensão a respeito da dimensão “punição inadequada”.

Tabela 10 - Valores de carregamento das dimensões das EQIF

	Componente 1	Componente 2	Componente 3
Relacionamento Afetivo	0,913	0,116	
Envolvimento	0,845	0,285	-0,126
Regras	0,776	0,365	0,126
Reforçamento	0,810		-0,338
Punição Inadequada	-0,303	0,762	0,420
Comunicação Negativa	-0,469	0,771	
Comunicação Positiva	0,829		-0,250
Comunicação Iniciativa dos Filhos	0,689	0,311	-0,329
Clima Conjugal Positivo	0,681		0,532
Clima Conjugal Negativo	-0,498	0,586	-0,409
Modelos	0,789		0,227
Sentimento dos Filhos	0,813		0,259

Não são indicados na tabela os valores < 0,1

O significado deste perfil de carregamento é que existem dois componentes realmente significativos para a sucessiva análise, enquanto o terceiro componente não identifica nenhuma informação adicional à trazida pelos primeiros dois componentes.

Para confirmar esta interpretação, foi realizada uma rotação *varimax*, que não evidenciou um perfil de carregamento diferente da tabela de carregamento não rotacionada.

Estes resultados sugerem a existência de duas grandes dimensões por trás das escalas EQIF. A primeira, contém as *dimensões positivas* e compreende: relacionamento afetivo, envolvimento, regras, reforçamento, comunicação positiva – iniciativa dos pais, comunicação positiva – iniciativa dos filhos, clima conjugal positivo, modelos e sentimento dos filhos. A segunda, contém as *dimensões negativas* e compreende os itens punição inadequada, comunicação negativa e clima conjugal negativo.

6. Análise de confiabilidade das Escalas de Qualidade de Interação

Familiar - EQIF

Como exposto na Tabela 11, o coeficiente de consistência interna (*alpha* de Cronbach) revelou-se muito elevado para todas as dimensões da EQIF.

Tabela 11 – Valores de *alpha* de Cronbach para cada dimensão da EQIF

Dimensões da EQIF	alphas
Relacionamento Afetivo	0,8980
Envolvimento	0,8481
Regras	0,8928
Reforçamento	0,8476
Punição Inadequada	0,7028
Comunicação Negativa	0,8078
Comunicação Positiva–Iniciativa Pais	0,8850
Comunicação Positiva–Iniciativa Filhos	0,7731
Clima Conjugal Positivo	0,9398
Clima Conjugal Negativo	0,8007
Modelo	0,7569
Sentimento dos Filhos	0,9254

II: ANÁLISE DA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DAS DIMENSÕES DE RESPONSABILIDADE E EXIGÊNCIA

Verificada a hipótese de normalidade da amostra e a possibilidade de utilizar as escalas de exigência e responsividade, as duas dimensões foram analisadas de duas formas: testes *t* para amostras pareadas para comparar os resultados de exigência de avós e avôs, de pais e mães; testes *t* para verificar o efeito do gênero dos filhos. Além disso, foram feitas as comparações entre as gerações para verificar a transmissão da exigência. Este mesmo procedimento foi aplicado para a responsividade.

1. Análise da exigência

1.1 Exigência dos avós (G1)

A primeira parte da análise mostrou que o nível de exigência das avós é significativamente superior à dos avôs, conforme mostrou o teste *t* para amostras pareadas $t(34) = 2,69$; $p = 0,011$.

Em seguida será analisada a influência do gênero de G2 (pais e mães) na exigência dos avós (G1), cujos dados estão apresentados na Tabela 12.

Tabela 12 - Descrição Responsividade e Exigência dos pais G2

	Exigência Mães G1		Exigência pais G1	
	Pais	Mães	Pais	Mães
Casos	41	49	42	44
Media	15,04	15,30	13,64	14,63
Mediana	16,00	16,00	14,00	16,00
Desvio Padrão	3,12	3,15	3,28	3,47

Com relação à exigência dos avôs (G1- sexo masculino), o teste *t* para amostras pareadas mostrou que a exigência foi percebida como parecida $t(35) = -1,87$; $p = 0,069$ por seus filhos, ou seja, o gênero dos pais e das mães (G2) não está interferindo na percepção da exigência paterna.

Passando para a exigência das avós (G1, sexo feminino), o um teste *t* revelou, como no precedente caso dos avôs, que não ha diferença significativa ($t(35) = -0,881$; $p = 0,384$), de percepção da exigência entre pais e mães (G2).

1.2. Exigência dos pais (G2)

Foi aplicado o teste *t* para amostras pareadas, para comparar os escores de exigência entre pais e mães G2, descritos na Tabela 13.

Tabela 13 – Descrição da Responsividade e Exigência dos pais G2

	Exigência G2	
	Pais	Mães
Número de casos	135	139
Media	13,10	15,10
Mediana	14	16
Desvio Padrão	3,28	2,70

Os valores de exigência das mães foram significativamente mais altos ($t(134) = -6,846$; $p < 0,001$) do que os dos pais, resultado correspondente ao achado para os avós. Estes resultados demonstram que a exigência das mães é intergeracionalmente percebida como superior à exigência dos pais, ou, em outras palavras, que existe uma continuidade intergeracional da superior exigência materna para com os filhos.

Aprofundando a questão da exigência a nível G2, foi verificado o efeito do gênero dos adolescentes na percepção da exigência dos pais.

O resultado do teste t que mediu a percepção dos adolescentes a respeito da exigência materna revelou que as garotas perceberam níveis de exigência significativamente mais altos $t(134)=-2,488$; $p=0,014$ do que os garotos. Esta diferença torna-se ainda mais interessante considerando que os adolescentes dos dois sexos atribuíram escores parecidos $t(132)=-1,273$; $p=0,205$ para a exigência total (paterna e materna), contrariamente a quanto achado por Costa e cols. (2000). Este resultado aponta como menos verossímil a hipótese de maior sensibilidade de percepção das garotas com relação a exigência materna e torna mais provável aceitar o fato que as mães são realmente mais exigentes do que os pais, seja em geral seja com relação às meninas.

Já a respeito da exigência paterna, o teste t mostrou um resultado de percepção parecida entre os adolescentes de sexo diferente ($t(132)=0,088$; $p=0,930$).

Assim, percebe-se que enquanto o gênero interferiu na percepção da exigência G2, isso não ocorreu em G1. Este resultado pode ser explicado considerando que pais e mães, por serem responsáveis pela educação de seus filhos, podem experimentar diretamente as reações comportamentais de certos níveis de exigência para com seus filhos. Esta condição de pais (dos adolescentes) e filhos (dos avós dos adolescentes), pode levá-los a re-interpretar de forma diferente a exigência de seus pais para com eles quando adolescentes, repensando à educação recebida à luz da educação que queriam transmitir para seus filhos. Isso poderia levar a nivelar as diferenças em termos de exigência dos pais e das mães (Claes, 1998; Paulson & Sputa,

1996). Já com os adolescentes, aos quais falta a experiência de serem pais, a leitura do padrão comportamental de seus genitores é provavelmente mais ligada a níveis de exigência realmente diferentes com relação a garotas e garotos.

A confirmação do argumento anterior, a respeito do primado da figura materna no contexto educativo, mostra que é significativo que seja a exigência materna aquela percebida como diferente pelos adolescentes, enquanto relativamente à exigência paterna, o teste *t* mostrou um resultado de percepção parecida (Paulson & Spota, 1996) entre os adolescentes de sexo diferente ($t(137)=0,088$; $p=0,930$).

1.3. Análise intergeracional da exigência

Como a análise de dados intrageracionais demonstrou que a exigência materna é significativamente maior do que a paterna, em ambas as gerações, tornou-se necessário verificar como este padrão se manifesta a nível intergeracional.

Num primeiro momento, foram comparadas a exigência combinada dos pais (G2) com a exigência das avós (G1) e dos avôs, respectivamente. Em seguida, foram comparadas as exigências separadas de pais e mães com a exigência média² separada de avós e dos avôs.

A exigência das avós resultou significativamente maior do que pais e mães combinados; $t(37)= -2,528$; $p= 0,016$. Por outro lado, a exigência dos

² Sendo o número de avós dobrado em relação aos pais, para permitir a comparação foi necessário calcular a média aritmética dos escores de avós e avôs.

avôs revelou-se parecida com a exigência dos pais (G2) combinados; $t(35)=0,654$; $p=0,517$. Este resultado comprova a maior intensidade da exigência materna em relação à paterna.

Este dado é melhor compreendido com o desdobramento da exigência G2. A média do escore da exigência das avós (G3) não se diferenciou do valor das mães G2 ($t(37)=-0,360$; $p= 0,721$), enquanto a diferença foi significativa em relação aos pais ($t(37)=-4,063$; $p< 0,001$). Isso significa que as mães estão se comportando de forma tão exigentes quanto as avós, repetindo seu padrão de comportamento, enquanto os pais não tendem a replicar este padrão, diminuindo o valor da exigência quando relacionados com as avós.

A média do escore da exigência dos avós não se diferenciou ($t(35)=-0,963$; $p=0,342$), do valor dos pais (sexo masculino); em relação às mães, os resultados repetiram o padrão de maior exigência com relação ao sexo masculino ($t(35)= 2,190$; $p= 0,035$). Neste caso, o que é repetido é o comportamento de –menor- exigência dos pais, enquanto as mães tentam a aumentar o padrão de exigência em relação aos avós.

Todos estes dados demonstram que o gênero é importante para a transmissão intergeracional, ou seja, os pais replicam o comportamento dos avós e as mães replicam o comportamento das avós. Este resultado está de acordo com a teoria do aprendizado por modelo de Bandura (1986). Uma coisa é aprender algo sobre os outros, outra coisa é aprender algo com eles (Zentall & Galef, 1988).

2. Análise da Responsividade

2.1 Responsividade dos avós (G1)

A primeira parte da análise mostrou que o nível de responsividade das avós é significativamente superior à dos avôs, conforme mostrou o teste *t* para amostras pareadas $t(34)=4,450$; $p < 0,001$.

Na seqüência será analisada a influência do gênero de G2 na responsividade de G1 (avós), cujos dados estão apresentados na Tabela 14.

Tabela 14 - Descrição Responsividade dos pais G2

	<i>Responsividade Mães G1</i>		<i>Responsividade Pais G1</i>	
	Pais	Mães	Pais	Mães
Casos	41	49	41	45
Media	23,80	22,81	21,04	21,22
Mediana	25,00	25,00	22,00	21,00
Desvio Padrão	4,68	5,61	5,25	5,62

Com relação à responsividade dos avôs (G1 - sexo masculino), o teste *t* para amostras pareadas mostrou que a responsividade foi percebida como parecida $t(35) = -0,270$; $p = 0,789$ por seus filhos, ou seja, o gênero dos pais e das mães (G2) não está interferindo na percepção da responsividade paterna.

Passando para a responsividade das avós (G1, sexo feminino), o teste *t* revelou, como no precedente caso dos avôs, que não ha diferença significativa ($t(37) = 0,702$; $p = 0,487$), de percepção da responsividade entre pais e mães (G2).

2.2. Responsividade dos pais (G2)

Um resultado análogo ao obtido com relação aos G1(avós) foi obtido a respeito da responsividade intrageracional dos G2 (pais), com dados descritos na Tabela 15: o teste t para amostras pareadas indicou que as mães são significativamente mais responsivas $t(134) = -5,027$; $p < 0,001$ do que os pais.

Tabela 15 – Descrição da Responsividade dos pais G2

	Responsividade G2	
	Pais	Mães
Casos	135	139
Media	21,46	23,90
Mediana	23	25
Desvio Padrão	5,25	4,55

Como já visto no caso da exigência, a responsividade das mães é intergeracionalmente percebida como superior à responsividade dos pais, ou seja, existe uma continuidade intergeracional da superior responsividade materna para com os filhos.

Aprofundando a questão da responsividade a nível G2 (pais), foi verificado o efeito do gênero dos adolescentes na percepção da responsividade dos pais.

Para analisar este aspecto, foi aplicado um teste t que mediu a percepção dos adolescentes de sexo feminino e masculino a respeito da responsividade materna, que revelou que a percepção das garotas não é significativamente diferente com relação a dos garotos $t(136) = -0,895$; $p = 0,372$. Um resultado equivalente caracterizou a percepção da responsividade paterna nos adolescentes de sexo diferente. O teste t ($\alpha = 0,05$) aplicado aos escores de

responsividade dos pais (G2), permitiu afirmar que a percepção da responsividade dos pais nos adolescentes é independente de seu sexo ($t(132)=0,169$; $p=0,234$).

Os resultados mostraram um efeito do gênero dos filhos na percepção da exigência, mas não da responsividade. A exigência corresponde a um padrão de comportamento de cobrança do cumprimento de regras e de monitoramento; culturalmente os pais são mais exigentes com as meninas do que com os meninos. Já a responsividade, mais ligada à demonstração de afeto e apoio emocional, não depende do sexo do filho.

2.3. Análise intergeracional da responsividade

Como a análise de dados intrageracionais demonstrou que a responsividade materna é significativamente maior do que a paterna, em ambas as gerações, tornou-se necessário verificar se e como este padrão se manifesta a nível intergeracional.

Como procedido com a dimensão da exigência, num primeiro momento, foram comparadas a responsividade combinada dos pais (G2) com a responsividade das avós e dos avôs (G1), respectivamente. Em seguida, foram comparadas as responsabilidades separadas de pais e mães com a responsividade média³ separada de avós e dos avôs.

A responsividade das avós resultou estatisticamente parecida com a dos pais e mães combinados; $t(37)=-1,489$; $p=0,016$. Similarmente, a

³ Sendo o número de avós dobrado em relação aos pais, para permitir a comparação foi necessário calcular a média aritmética dos escores de avós e avôs.

responsividade dos avôs revelou-se não significativamente diferente com relação a responsividade dos G2 combinados; $t(35)=1,798$; $p=0,081$.

Este dado é melhor compreendido com o desdobramento da responsividade G2. A média do escore da responsividade das avós não se diferenciou do valor das mães G2 ($t(37)= -0,863$; $p= 0,394$) e em relação aos pais ($t(37)=-1,688$; $p=0,100$). Isso significa que tanto as mães quanto os pais estão se comportando de forma tão responsiva quanto as avós, repetindo seu padrão de comportamento.

A média do escore da responsividade dos avôs não se diferenciou ($t(35)=0,927$; $p=0,360$), do valor dos pais (sexo masculino); já em relação às mães os resultados mostraram um padrão de maior responsividade com relação ao sexo masculino ($t(35)= 2,619$; $p= 0,03$). Neste caso, o que é repetido é o comportamento de – menor – responsividade dos pais, enquanto as mães tentem a aumentar o padrão de responsividade em relação aos avós.

3. Análise conjunta da Exigência e Responsividade

O resultado encontrado na presente pesquisa, referente ao fato de as mães serem percebidas como mais exigentes e responsivas que os pais, condiz com o encontrado por Costa e cols. (2000) e por Weber e cols. (no prelo). Paulson e Sputa (1996) também chegaram a este dado, verificando que realmente as mães estão mais envolvidas na educação dos filhos e que se apresentam muito mais interessadas em nas tarefas e outras atividades escolares do que os pais.

Este resultado significa que, a nível G2, as mães têm um perfil relativamente, mas significativamente, mais autoritativo do que os pais. O fato de as mães G2 apresentarem escores de responsividade e exigência médios maiores do que os pais e maiores valores da mediana, não implica necessariamente que as mães têm uma freqüência ou uma proporção de estilos autoritativos superior aos pais, porque o cálculo do estilo é realizado separadamente e relativamente por cada gênero. O que os dados mostram é que as mães autoritativas são mediamente “mais autoritativas” do que os pais autoritativos, ou seja, o estilo delas é percebido de forma mais intensa pelos adolescentes do que a percepção do comportamento dos pais.

O respaldo dos precedentes resultados da literatura, induz a pensar que este resultado não é peculiaridade da amostra, composta por adolescentes em condição de risco social, mas tem uma validade geral, que a amostra da presente pesquisa contribui corroborar. As razões desta maior importância do papel da mãe na vida educacional dos adolescentes são reforçadas pelas condições de discriminação da mulher na sociedade brasileira em geral, como uma série de recentes estudos demonstram (Nascimento, 2003). Estas pesquisas ressaltam o fato de que as mulheres têm as piores ocupações e os salários mais baixos que os homens (71,3% das mulheres que trabalham ganham até dois salários mínimos contra 55,1% dos homens), sendo que as maiores taxas de desemprego são femininas (6,7%), enquanto a taxa masculina está em 5,9%. Outro trabalho (Andrade, 2004) revela que a proporção de mulheres dedicadas aos trabalhos domésticos é de 19,2% e aquelas que não tem remuneração perfazem 5,9%, muito superior aos 0,8%

dos homens. Todas estas informações reforçam a credibilidade da hipótese de que as mães passam mais tempo com os filhos, tanto por maior dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, quanto por ter uma menor vantagem econômica em acessá-lo. Uma outra explicação é que em caso de mães com filhos de diferentes parceiros, é mais provável que a mãe cuide dos seus filhos do que um homem cuide dos filhos gerados com mulheres diferentes (Nascimento, 2003). Para complementar estas informações, em seguida são reportadas as anotações que os adolescentes fizeram no espaço livre no final do questionário. Estas parecem revelar um perfil de convivência doméstica no qual a mãe é mais presente e cuja influência é mais relevante para a educação do adolescente. João (Sobre o pai): *“Era muito legal, mas convivi pouco com ele”*. Claudia (sobre o pai): *“Meu pai me criou até os 15 anos, depois os dois se separaram e agora quase não opina nem está presente no meu cotidiano”*; (sobre a mãe): *“minha mãe está presente”, trabalha um pouco, ma quando preciso dela ela está sempre por perto*. Célia (sobre a mãe): *“Uma heroína, porque criou seus cinco filhos sozinha. A amo muito.”*

Este dado também é corroborado por um trabalho realizado pelo Laboratório do Comportamento Humano, o Programa de Qualidade na Interação Familiar, em que são oferecidos à comunidade grupos para pais. Nestes Grupos, cerca de 90% dos participantes são mães e 10% são pais (Weber, Viezzer e Brandenburg, 2004).

Algumas pesquisas (Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts & Fraleigh, 1987; Klein, O’Bryant & Hopkins, 1996) encontraram diferença no gênero dos filhos quanto à percepção dos estilos dos pais. Costa e cols. (2000)

encontraram que as meninas percebem as mães como mais responsivas e as mães e os pais mais exigentes do que os meninos. Na presente pesquisa apenas a exigência das mães G2 foi percebida de forma diferente pelo gênero feminino.

III: ANÁLISE DA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DOS ESTILOS PARENTAIS

1. Cálculo e frequência dos estilos parentais

Dos 139 casos válidos de adolescentes que responderam de forma completa ao questionário, foram utilizados 109 e 106 casos, relativos a pais e mães, respectivamente. Em 26 questionários de pais e em 33 de mães, o escore de responsividade ou exigência coincidiu com a mediana, os quais foram e portanto foram excluídos do cálculo. Em quatro casos os adolescentes não responderam a respeito do pai, pelo fato dele não ter participado de forma significativa da educação deles ou por ter falecido há muito tempo.

Em seguida são apresentadas as frequências (percentuais válidos) dos estilos parentais observadas para pais, mães, pais e mães combinados. A classificação dos estilos deriva-se dos escores obtidos (altos ou baixos) nas dimensões de exigência e responsividade, conforme descrito anteriormente.

A Tabela 16 ilustra as frequências relativas e totais dos estilos válidos dos pais e das mães (G2) .

Tabela 16 - Frequência de estilos parentais dos pais e das mães G2

Estilo Parental	Número Pai	% Pai	Número Mãe	% Mãe	Total Combinado	% Combinado
Autoritativo	35	32,1	37	34,9	72	33,4%
Autoritário	10	9,2	10	9,4	20	9,3%
Indulgente	19	17,4	15	14,2	34	15,8%
Negligente	45	41,3	44	41,5	89	41,4%
TOTAL	109	100%	106	100%	215	100%

Os dados mostram que os estilos mais freqüentes são o negligente (41,4%) e o autoritativo (33,4%), os quais, juntos, somam 74,8% do total dos estilos. A freqüência relativa do estilo autoritário foi de 9,3%, do estilo indulgente de 15,8%.

Com relação aos G1 (avós), foram excluídos 12 casos de avós maternas e paterna, 11 casos de avôs maternos e 10 casos de avôs paternos por coincidir com a mediana. A Tabela 17 sintetiza as freqüências relativas individuais e combinadas e para poder interpretar de forma correta os dados nela apresentados, é importante especificar como foi calculada a freqüência da transmissão intergeracional. Para que haja transmissão intergeracional, é preciso que uma mãe ou um pai (G2) tenham o mesmo estilo do pai ou da mãe deles. Se os dois avós tivessem o mesmo estilo, seria calculado, conforme a definição, um só caso de transmissão intergeracional, resultado da soma dos dois casos menos a intersecção. Portanto, em geral, o cálculo da freqüência da transmissão intergeracional resulta da soma dos casos em que as avós ou avôs tem o mesmo estilo do filho/a (G2) menos os casos em quem os dois pais tem o mesmo estilo. O resultado desta operação é definido na tabela como valor “depurado”.

Tabela 17 - Frequência de estilos dos avós (G1)

Estilo	Avós maternas	Avós maternos	Avós paternos	Avós paternas	Avós Pat Combinado	Avós Mat Combinado	Avós Pat depurado	Avós Mat depurado
Autoritativo	(14) 37,8%	(13) 39,4%	(12) 38,7%	(10) 34,5%	(22) 36,7%	(27) 38,6%	(19) 33,9%	(15) 31,2%
Autoritário	(4) 10,8%	(4) 12,1%	(4) 12,9%	(5) 17,2%	(9) 15,0%	(8) 11,4%	(8) 14,3%	(5) 10,4%
Indulgente	(3) 8,1%	(4) 12,1%	(3) 9,7%	(3) 10,4%	(6) 10,0%	(7) 10,0%	(7) 12,5%	(6) 12,6%
Negligente	(16) 43,2%	(12) 36,4%	(12) 38,7%	(11) 37,9%	(23) 38,3%	(28) 40,0%	(22) 39,3%	(22) 45,8%
TOTAL	(37) 100%	(33) 100%	(31) 100%	(29) 100%	(60) 100%	(70) 100%	(56) 100%	(48) 100%

Como mostra a comparação dos resultados da Tabela 16 e da Tabela 17, tanto em G2 quanto em G1, a distribuição da frequência dos estilos parentais se repetiu, com as maiores porcentagens representadas respectivamente pelos pais negligentes, autoritativos e as menores pelos pais indulgentes e autoritários. Esta proporção foi bastante semelhante à descrita por Lamborn e cols. (1991), Steinberg e cols. (1995), Costa e cols. (2000) e Weber e cols. (no prelo).

Para verificar a homogeneidade de composição de estilos ao longo das gerações foi verificada a hipótese de igual proporção intergeracional. Relativamente às mães, a comparação com as avós maternas mostrou uma proporção de estilos parecida ($\chi^2=15,632$; gl=16; p=0,479), enquanto a respeito dos avós maternos o resultado foi de proporções significativamente diferentes ($\chi^2=27,129$; gl=16; p=0,040). Relativamente aos pais, seja comparação com as avós paternas ($\chi^2=16,161$; gl=16; p=0,442), seja com os avós paternos ($\chi^2=16,330$; gl=16; p=0,430), revelou uma proporção de estilos intergeracionalmente parecida.

2. Análise dos casos de transmissão dos estilos parentais

A Tabela 18 mostra o número de casos de transmissão intergeracional, divididos por gênero dos pais (G2), com a composição dos estilos de G1 que gerou a transmissão.

Tabela 18 - Detalhes de casos de transmissão

	Pais G2			Mães G2		
	Estilo Avô G1	Estilo Avó G1	Estilo Pai G2	Estilo Avô G1	Estilo Avó G1	Estilo Mãe G2
Caso 1	1	1	1	1	1	1
Caso 2	X	1	1	1	1	1
Caso 3	1	1	1	1	X	1
Caso 4	X	1	1	1	1	1
Caso 5	1	1	1	1	X	1
Caso 6	1	1	1	1	1	1
Caso 7	3	3	3	3	4	4
Caso 8	X	4	4	4	X	4
Caso 9	1	4	4	1	4	4
Caso 10	X	4	4	X	4	4
Caso 11	4	4	4	1	4	4
Caso 12	4	4	4	X	4	4
Caso 13	X	4	4	4	4	4
Caso 14				4	X	4
Caso 15				4	4	4
Caso 16				4	4	4
Caso 17				4	4	4
Total casos		17			13	

1 = autoritativo; 2 = autoritário; 3 = indulgente; 4 = negligente; x= coincidiu com a mediana

Os dados da Tabela 18 e resumidos na Tabela 19 mostram que, dos 30 casos em que houve transmissão intergeracional, em 15 situações o estilo dos dois pais era igual; em 11 casos, um dos dois valores coincidiu com a mediana e, em quatro casos, os dois estilos foram diferentes. Em todos os 4 casos de estilo diferente, é significativo que foi sempre a avó quem transmitiu o estilo. Dos 11 casos de coincidência com a mediana, em 7 casos a avó transmitiu o estilo e em 4 casos o avô.

Tabela 19 – Resumo dos casos de transmissão intergeracional

<i>Estilo</i>	<i>Mães</i>	<i>Pais</i>	<i>Combinado</i>	<i>Pais Proporção valor depurado</i>	<i>Mães Proporção valor depurado</i>
Autoritativo	6	6	12	6/19	6/15
Autoritário	0	0	0	0/8	0/5
Indulgente	0	1	1	1/7	0/6
Negligente	11	6	17	6/22	11/22
TOTAL	17	13	30		

Os dados mostram que o estilo negligente foi o mais transmitido (17 casos), com prevalência significativa do estilo materno. O segundo estilo mais freqüente foi o autoritativo, com igual número de casos para mães e pais.

A ocorrência da transmissão dos estilos parentais confirma os resultados encontrados em outras pesquisas já realizadas sobre transmissão intergeracional de comportamento. (Whitbeck, Hoyt, Simons e Conger, 1992; Plass e Hotaling, 1995; Brook, Tseng, Whiteman & Cohen, 1998; Serbin, Cooperman, Peters, Lehoux, Stack e Schwartzman, 1998; Brook, Whiteman e Zheng, 2002; Oliveira, Marin, Pires, Frizzo, Ravanello & Rossato, 2002).

O fato do estilo negligente estar sendo repassado com maior freqüência de uma geração para a outra, pode ser compreendido dentro da perspectiva de Catania (1999), o qual afirma que o comportamento de imitação não implica que a pessoa tenha aprendido alguma coisa sobre contingências, de modo que nem todas as imitações são vantajosas.

3. Análise dos casos de não transmissão

Para melhor entender a análise da não transmissão intergeracional, na Tabela 20 foram comparados os estilos dos avós com o estilo dos pais, assim

de caracterizar de forma completa os casos nos quais os estilos não se transmitiram.

De acordo com as implicações dos diferentes estilos indicados pela literatura citada, o estilo autoritativo (alta exigência e alta responsividade) foi considerado o estilo mais desejável, enquanto o negligente (baixa exigência e baixa responsividade) o menos desejável. Os estilos autoritário e o indulgente tendo respectivamente só exigência ou a responsividade acima do valor da mediana, foram considerados igualmente inferiores ao autoritativo, que tem as duas dimensões mais altas do que a mediana e igualmente melhores do negligente, com as duas dimensões inferiores à mediana.

Tabela 20 - Casos de não transmissão intergeracional

	Pais G2			Mães G2		
	Estilo Pai G1	Estilo Mãe G1	Estilo Pai G2	Estilo Pai G1	Estilo Mãe G1	Estilo Mãe G2
Caso 1	1	1	3	1	1	2
Caso 2	1	1	3	1	1	3
Caso 3	1	1	4	1	1	4
Caso 4	1	4	3	1	1	4
Caso 5	2	2	1	1	2	4
Caso 6	2	2	4	2	1	4
Caso 7	3	3	4			
Caso 8	3	S. R.	1			
Caso 9	4	3	1			
Caso 10	4	4	2			
Caso 11	4	4	3			
Caso 12	4	4	3			
Total casos		12			6	

1 = autoritativo; 2 = autoritário; 3 = indulgente; 4 = negligente.

Os dados detalhados na Tabela 20 e resumidos na Tabela 21 mostram que o estilo parental não se transmitiu relativamente a 12 pais (sexo masculino) G1 e a seis mães G1. Relativamente aos pais, em seis casos o estilo melhorou,

em cinco piorou e em um caso não foi possível definir se melhorou ou piorou. Com relação às mães, em todos os seis casos em que não houve transmissão intergeracional, o estilo parental sempre piorou.

É significativo notar que, em quatro dos seis casos de não transmissão de estilo das mães e em 9 dos 12 casos relativos aos pais, os avós tinham o mesmo estilo.

Tabela 21 - Resumo de não transmissão do estilo relativamente aos pais

Estilo	Pai	Mãe	Combinado (M+P)
Autoritativo	4	6	10
Autoritário	2	1	3
Indulgente	3		3
Negligente	5		5
TOTAL	14		21

Como já visto na análise da transmissão do estilo parental (Tabela 19), também nos casos de não-transmissão de estilos, prevalecem os estilos mais freqüentes (autoritativo e negligente), apesar disso acontecer de maneira muito diferente entre mães e pais. No caso das mães, em seis casos não houve transmissão do estilo autoritativo e, em dois, do estilo autoritário, enquanto em relação aos pais, em cinco casos não houve transmissão do estilo negligente, em quatro casos do autoritativo, em três, do indulgente e, em dois casos, do autoritário.

IV. EQIF – Escalas de Qualidade de Interação Familiar

Para analisar as práticas parentais ligadas aos estilos parentais, foram calculados os valores médios das dimensões das EQIF relativamente aos

casos de transmissão dos dois estilos mais freqüentes, o negligente e o autoritativo, como indicado na Tabela 22.

Tabela 22 - Comparação EQIF – Estilos Parentais

	<i>Pais que transmitiram o estilo autoritativo</i>	<i>Pais que transmitiram o estilo negligente</i>	<i>Mães que transmitiram o estilo autoritativo</i>	<i>Mães que transmitiram o estilo negligente</i>
Relacionamento afetivo	75,2	55,0	76,0	51,0
Envolvimento	42,7	27,0	46,5	26,4
Regras	64,0	49,0	67,0	48,2
Reforçamento	52,2	36,5	55,5	32,0
Punição	28,0	41,5	21,0	30,8
Inadequada Comunicação positiva - Iniciativa pais	24,5	15,5	21,5	12,6
Comunicação positiva - Iniciativa filhos	76,2	59,0	78,5	54,2
Comunicação negativa	26,5	34,4	21,5	28,0
Clima conjugal positivo	65,2	52,0	62,5	36,6
Clima conjugal negativo	17,0	17,0	17,5	26,4
Modelos	23,7	21,5	28,5	17,6
Sentimento dos filhos	49,5	38,5	48,5	41,6

Os resultados mostram que, em quase todos os casos, os escores médios dos pais e das mães autoritativos foram sensivelmente superiores aos escores dos negligentes, sugerindo a hipótese que existe um padrão de comportamento em termos de práticas parentais diferente dos pais que transmitiram o estilo autoritativo com relação aos que transmitiram o estilo negligente. Nas escalas negativas, punição inadequada, comunicação negativa e clima conjugal negativo, os escores médios dos pais negligentes foram superiores aos dos pais autoritativos.

Estes resultados, apesar de não estatisticamente significativos por causa do número limitado de observações, corroboram os resultados já achados com relação às escalas de responsividade e exigência

A Tabela 23 confirmou ainda mais este resultado, evidenciando como só nos casos de clima conjugal positivo e clima conjugal negativo os escores médios de pais e mães foram parecidos, enquanto em todos os demais casos, foram sempre as mães que evidenciaram valores significativamente superiores com relação aos itens EQIF

Tabela 23 – Resultados obtidos por meio da EQIF

	<i>Média Pais</i>	<i>Média Mães</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>Valor t</i>	<i>Significância</i>
Relacionamento afetivo	29,14	32,78	7,84	-5,01	0,000
Envolvimento	19,57	16,77	4,19	5,64	0,000
Regras	29,55	33,48	8,29	-5,56	0,000
Reforçamento	22,94	19,80	5,10	5,85	0,000
Punição inadequada	14,72	15,68	5,01	-2,22	0,028
Comunicação positiva iniciativa pais	33,91	30,98	7,23	3,93	0,000
comunicação positiva iniciativa filhos	8,07	9,72	3,49	-5,34	0,000
Comunicação negativa	12,91	14,03	5,28	-2,17	0,032
Clima conjugal positivo	23,64	23,66	8,48	-0,14	0,889
Clima conjugal negativo	11,03	11,18	4,84	-1,09	0,279
Modelos	10,77	11,42	3,16	-2,60	0,011
Sentimento filhos	20,30	22,05	5,24	-3,56	0,001

Para verificar a correlação entre os itens das EQIF e das escalas de Exigência e Responsividade, foi calculada o coeficiente de correlação de Pearson, com os resultados indicados na Tabela 24.

Tabela 24 – Cruzamento das dimensões da EQIF com as escalas de Responsividade Exigência geral

Dimensões da EQIF	Exigência	Responsividade
Relacionamento afetivo	0,40**	0,71**
Envolvimento	0,48**	0,78**
Regras	0,56**	0,69**
Reforçamento	0,43**	0,63**
Punição inadequada	-0,05	-0,15
Comunicação positiva	0,41**	0,71**
Comunicação positiva – iniciativa filhos	0,36**	0,61*
Comunicação negativa	-0,15	-0,27**
Clima conjugal positivo	0,25**	0,44**
Clima conjugal negativo	-0,10	-0,19*
Modelos	0,40**	0,54**
Sentimento dos Filhos	0,34**	0,57**

**Correlação é significativa a nível 0,01

* Correlação é significativa a nível 0,05

A exigência tem o maior coeficiente de correlação com as regras, sendo que o estabelecimento e a cobrança de regras é um dos principais elementos da definição da exigência dos pais. O envolvimento, o reforçamento, o relacionamento afetivo e os modelos também apresentam maior índice de correlação com a exigência. Surpreendentemente, a correlação das regras com a responsividade foi maior de que com a exigência.

Os maiores valores foram as de correlações da responsividade, principalmente (0,78) com o envolvimento, o relacionamento afetivo (0,71), a comunicação positiva, tanto por iniciativa dos pais como dos filhos, o reforçamento, os sentimentos dos filhos e os modelos.

Outro elemento interessante diz respeito três dimensões que a análise fatorial mostrou pertencer a um componente separado (punição inadequada, comunicação negativa e clima conjugal negativo) chamado de “negatividade”,

pois todas elas têm correlação negativa tanto com a exigência quanto com a responsividade.

As correlações foram recalculadas relativamente às dimensões EQIF das mães e dos pais e cruzadas com a responsividade e exigência das mães e pais respectivamente, como mostram as Tabelas 25 e 26.

Tabela 25- Cruzamento EQIF mãe - Responsividade Exigência mãe

EQIF	Exigência Mãe	Responsividade Mãe
Relacionamento afetivo Mãe	0,32**	0,7**
Envolvimento Mãe	0,36**	0,76**
Regras Mãe	0,36**	0,65**
Reforçamento Mãe	0,33**	0,68**
Punição inadequada Mãe	-0,11	-0,27**
Comunicação positiva - iniciativa pais Mãe	0,27**	0,67**
Comunicação positiva - iniciativa filhos Mãe	0,4**	0,62**
Comunicação negativa Mãe	-0,15	-0,36**
Clima conjugal positivo Mãe	0,12	0,28**
Clima conjugal negativo Mãe	-0,05	-0,14
Modelos Mãe	0,34**	0,53**
Sentimento dos Filhos Mãe	0,24**	0,51**

**Correlação é significativa a nível 0,01

* Correlação é significativa a nível 0,05

Relativamente às mães, as mesmas variáveis correlacionadas no caso geral mostraram os valores mais elevados do índice de *Pearson*, apesar de menores que no caso geral. As variáveis com correlação negativa continuaram com correlação negativa.

Tabela 26 - Cruzamento EQIF pai - Responsividade Exigência pai

EQIF	Exigência Pai	Responsividade Pai
Relacionamento afetivo Pai	0,53**	0,78**
Envolvimento Pai	0,64**	0,83**
Regras Pai	0,71**	0,76**
Reforçamento Pai	0,52**	0,75**
Punição inadequada Pai	0,02	-0,09
Comunicação positiva – iniciativa filhos Pai	0,56**	0,78**
Comunicação positiva – iniciativa filhos Pai	0,43**	0,67**
Comunicação negativa Pai	-0,09	-0,28**
Clima conjugal positivo Pai	0,28**	0,42**
Clima conjugal negativo Pai	-0,12	-0,23*
Modelos Pai	0,45**	0,58**
Sentimento dos Filhos Pai	0,5**	0,73**

**Correlação é significativa a nível 0,01

* Correlação é significativa a nível 0,05

Em relação aos pais, as mesmas variáveis correlacionadas no caso geral mostraram os valores mais elevados do índice de *Pearson*, maiores do que no caso das mães e do caso geral. As variáveis com correlação negativa continuaram com correlação negativa.

CONCLUSÕES

Quase diariamente, notícias e reportagens nos informam sobre fatos de violência, infrações e violações de direitos alheios, diretamente ou indiretamente relacionados com falta de valores e de uma estrutura familiar apropriada, por parte de quem as cometeu. Por um lado, se nascimentos mais ou menos desejados são um assunto cuja origem ninguém desconhece, por outro lado, saber criar o ambiente familiar e utilizar as práticas adequadas para que os filhos sejam capazes de enfrentar a vida com sucesso e com respeito ao pacto social, é uma questão certamente menos óbvia.

O presente trabalho, diretamente ligado a estes tipos de questionamentos, permitiu delinear um quadro preciso sobre os estilos parentais de pais e de avós de uma amostra de adolescentes em condição de risco social, permitindo comparar intra e intergeracionalmente os estilos mais freqüentes, as características dos casos de transmissão intergeracional, analisando qualitativamente as práticas parentais dos casos mais freqüentes de transmissão intergeracional.

A freqüência de estilos parentais encontrados na presente pesquisa, foi muito parecida com a encontrada na literatura, com amostras mais amplas e heterogêneas (Costa e cols, 2000; Lamborn e cols, 1991; Weber e cols, 2002). Os resultados mostraram que, em relação aos pais, os estilos negligente e autoritativo foram os que prevaleceram, seguidos pelos estilos indulgente e autoritário. Com relação aos avós, houve, por um lado, uma continuidade a respeito dos estilos negligente e autoritativo, que foram os mais freqüentes e

somaram aproximadamente 75% do total, valor muito semelhante com o caso dos pais. Por outro lado, no caso dos avós, o terceiro estilo mais freqüente foi o autoritário e não o indulgente (valor depurado), como aconteceu no caso dos pais.

Estes dados sugerem que o instrumento das escalas de exigência e responsividade é robusto e fidedigno para investigar a composição de estilos tanto intra quanto intergeracionalmente. Os resultados também evidenciam que houve um leve padrão de mudança na dinâmica familiar em relação à educação dos filhos, ou seja, os pais apresentaram-se menos autoritários e mais indulgentes do que os avós. O fato sugere a hipótese de que houve uma mudança para uma sociedade menos fundamentada sobre os valores tradicionais e hierárquicos do autoritarismo e mais voltada para a compreensão dos desejos dos filhos.

Esta consideração, feita em uma cultura por muitos tida como permissiva (Costa & cols, 2000), leva a considerar a hipótese de que, o que é comumente definido como permissivo, corresponde, em termos de estilos parentais, mais com o estilo negligente do que com o indulgente. O estilo negligente é aquele que apresenta baixos índices não só de exigência mas também de responsividade.

A comparação entre mães e avós maternas revelou uma proporção de estilos parentais semelhante, o que não aconteceu com relação aos avós maternos, caracterizados por proporções diferentes de suas filhas. Já os pais (sexo masculino) tiveram proporções equivalentes de estilos, tanto em comparação com as avós paternas quanto com os avós paternos. Estes dados

sugerem a interpretação de que a transição para estilos menos autoritários referidos anteriormente, foi estimulada pelas mães em relação a seus pais (avôs maternos), subentendendo um papel de maior destaque da figura materna na contribuição à educação dos filhos.

A hipótese de que geralmente o papel da mãe é de maior importância do que o do pai para a educação (Oliveira e cols, 2002) foi também corroborada comparando os níveis de exigência e responsividade. Tanto na geração dos pais como na geração dos avós, as mães revelaram um perfil sistematicamente mais exigente e mais responsivo do que os pais, permitindo concluir que as mães das duas gerações (G1 e G2) às quais este trabalho se refere são intrageracionalmente mais autoritativas do que os pais.

Esta conclusão é mais significativa considerando que só no caso da exigência materna (G2) a percepção das garotas foi superior a dos garotos, enquanto nos demais casos, de exigência e de responsividade, os escores das mães e dos pais não dependeram do gênero dos adolescentes. O gênero dos pais e das mães (G2) não interferiu também na percepção da exigência e da responsividade dos avós, confirmando que a hipótese de que realmente a maior participação das mães nas famílias dificilmente pode ser entendida só como uma questão de sensibilidade mais aguçada ligada ao gênero feminino.

O presente trabalho mostrou que, ao longo das gerações, mãe e pai desenvolvem realmente uma função de importância diferente para a educação dos filhos. A comparação intergeracional mostrou que a intensidade da exigência e da responsividade das mães foi parecida com a das avós, mas foi sensivelmente superior à dos avós para ambas as dimensões. Discurso oposto

vale para os pais, que revelaram níveis de exigência e responsividade parecidos com os avôs, mas que, tanto na comparação intra como intergeracional, revelaram níveis de exigência significativamente menores do que as mães. Portanto, nada se pode concluir sobre a maior ou menor intensidade intergeracional ao se levar em conta os escores de mães e pais combinados, mas os dados separados indicaram o reconhecimento de maior intensidade das dimensões de exigência e responsividade das mães em relação aos pais a nível intra e intergeracional.

A pesquisa mostrou que o número de casos de estilos parentais que se transmitiram (30) foi amplamente superior aos casos de não-transmissão (18), e confirmou, como no caso geral, que os estilos que se transmitiram mais freqüentemente foram o negligente e o autoritativo.

Foi o estilo das mães o que se transmitiu com maior freqüência, enquanto no caso da não-transmissão, foram principalmente os pais (12) que não replicaram o estilo dos avôs, apontando novamente para a hipótese de que a função da mãe seja mais sólida e mais próxima do que a do pai na educação dos filhos. O fato de que, apesar de menos freqüente do que os casos de transmissão, houve um número significativo de casos de não transmissão de estilos, pode ser interpretado de acordo com Rutter (1998), de que existem outras variáveis sociais relevantes, além da socialização familiar, que interferem na transmissão dos estilos.

Os casos de transmissão de estilos negligente e autoritativo foram cruzados com as dimensões das Escalas de Qualidade de Interação Familiar (EQIF) e os resultados indicaram claramente que todos os pais (combinados)

negligentes pontuaram em maneira sensivelmente inferior aos pais autoritativos em todas as dimensões positivas mas tiveram escores previsivelmente maiores nas três dimensões negativas. A comparação entre pais e mães dos escores médios das dimensões EQIF revelou, mais uma vez, que também em termos de práticas parentais, as mães evidenciam um padrão sensivelmente superior ao dos pais.

Investigar quais são os estilos parentais prevalentes em uma comunidade, compará-los entre uma geração e a outra e cruzá-los com as práticas parentais, em primeira instância pode ajudar interpretar de qual forma mudou o tipo de clima educativo na dinâmica das famílias daquele contexto.

Em um segundo momento, identificar quais estilos se transmitiram mais ou menos freqüentemente, além de tornar mais pontual e precisa a interpretação de casos particulares, é uma ferramenta de fundamental valor que pode contribuir para desenvolver modelos de prevenção e intervenção em práticas de criação dos filhos. Tais ações são capazes de diminuir a probabilidade de comportamentos anti-sociais e aumentar a probabilidade de interações saudáveis e comportamentos pró-sociais (Forehand, Wells & Griest, 1980; Spoth, Redmond & Shin, 1998; Redmond, Spoth, shin & Lepper, 1999; Van Wyk e cols. 1983).

A pesquisa mostrou que o estímulo representado pelo tipo de educação recebida pelos pais é um fator de grande importância para a formação da opinião dos futuros pais, sobre qual práticas e qual estilo são os mais adequados para serem utilizados com seus próprios filhos.

O resultado deste trabalho mostra, portanto, que pesquisas intergeracionais sobre estilos e práticas parentais são duplamente importantes, tanto para compreender o processo de transmissão intergeracional em relação aos estilos e às práticas desejáveis, como para erradicar as conseqüências em termos familiares e sociais de estilos e práticas negligentes.

Por estas razões, é desejável que outras pesquisas intergeracionais possam ser realizadas e que seus resultados sejam adequadamente divulgados, para assim poder gerar resultados capazes de orientar o trabalho dos profissionais direta e indiretamente envolvidos no setor e as relativas ações institucionais e políticas governamentais.

Para que estas pesquisas possam ser mais eficazes, é preciso evidenciar as limitações do presente trabalho. As escalas de exigência e responsividade criadas originalmente para serem respondidas por adolescentes, revelaram-se, por meio da análise fatorial, de ser um instrumento menos preciso para ser utilizado retrospectivamente com adultos. É desejável que, em futuras pesquisas, o instrumento possa ser aperfeiçoado e validado também para com os pais.

Além disso, se foi relativamente fácil conseguir um número suficiente de participantes adolescentes para a análise, houve dificuldade em conseguir um número de pais suficiente para poder aprofundar o estudo: especialmente na hora do cálculo dos casos de transmissão intergeracional e do cruzamento dos dados separados por gênero, indicando a necessidade de uma amostra mais ampla. Considerando a taxa de respostas dos pais encontrada neste trabalho (aproximadamente 1 pai ou mãe responderam a pesquisa para cada 3

adolescentes), para poder contar com um número de casos suficiente para conclusões estatisticamente mais rigorosas, seria necessária uma amostra de adolescentes entre quatro e cinco vezes maior do que realizado no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- Acker, M. M. & O'Leary S. G. (1988). Effects of consistent and inconsistent feedback on inappropriate child behaviour. *Behavior Therapy*, 19, 919-624.
- Andrade, A. S. C. (2004). *Mulher e trabalho no Brasil dos anos 90*. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.
- Ariès, P. (1980). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC S.A.
- Aunola, K.; Stattin, H & Nurmi, J.E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23 (2), 205-22.
- Baldwin, A. L. (1949). The effect of home environment on nursery school behaviour. *Child Development*, 20, 49-62.
- Bandura, A. (1979). *Modificação do comportamento*. São Paulo: Interamericana.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action*. Englewood Cliffts, N.J.: Prentice Hall.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behaviour. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-32.
- Baumrind, D. (1971). Harmonious parents and their preschool children. *Developmental Psychology*, 4(1), 99-102.
- Baumrind, D. (1972). An exploratory study of socialization effects on black children: some black-white comparison. *Child Development*, 43, 261-267.
- Baumrind, D. & Black, A. E. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, 38, 291-327.
- Belsky, J.; Kuang-Hua.; Hsieh, J.; & Crnic, K. (1998). Mothering, fathering, and infant negativity as antecedents of boys' externalizing problems and inhibition at age 3 years: differential susceptibility to rearing experience? *Development and Psychopathology*, 10, 301-319.

- Block, J. H., Block, J. & Morrison A. (1981). Parental agreement-disagreement on child rearing orientations and gender-related personality correlates in children. *Child Development*, 52, 965-974.
- Bloun, J. & Robinson, G. S. (1998). Are punishing styles transgenerational? Exploring the effects of order, gender and family. Obtido do World Wide em 30 de maio de 2004 Web <http://www.ncat.edu/~grobinso/jbsepa.htm>.
- Brook, J. S.; Tseng, L.J.; Whiteman, M. & Cohen, P. (1998). A three-generation study: Intergenerational continuities and discontinuities and their impact on the toddler' s anger. *Genetic, Social, & General Psychology Monographs*, 124(3), 335-351.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cohen, D. & Rice, A. (1997). Parenting styles, adolescent substance use, and academic achievement. *Journal of Drug Education*, 27(2), 199-211.
- Cohen, P.; Brooks, J.S. & Hartmark, C. (1998). Behaviour patterns of young children and their offsprings: a two generation study. *Developmental Psychology*, 24, 1202-1208.
- Costa, F. T.; Teixeira, M. A.P. & Gomes, W. B, (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 87-496.
- Darling, N. (1999). *Parenting Style and its Correlates*. Eric Digest. Champaign IL: ERIC Clearinghouse on Elementary and Early Childhood Education.
- Davies, G. R.; McMahon, R. J.; Flessati, E. W.; & Tiedemann, G. L. (1984). Verbal rationales and modeling as adjuncts to a parenting technique for child compliance. *Child Development*, 55, 1290-1298.
- Dekovic, M. & Janssens, J. (1992). Parents' child-rearing style and child's sociometric status. *Developmental Psychology*, 28(5), 925 – 932.
- Dishion, T. J.; Patterson, G. R.; Stoolmiller, G.; & Skinner, M. L. (1991). Family, school, and behavioral antecedents to early adolescent involvement with antisocial peers. *Developmental Psychology*, 27, 172-180.
- Dornbusch S. M.; Ritter P. L.; Leiderman P. H., Roberts D. F. & Fraleigh M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 57, 1244-1257.

- Elder, G. H. (1974). *Children of the Great Depression*. Chicago: Univ. Chicago Press.
- Forehand, R., Wells, K. C. & Griest, D. L. (1980). An examination of the social validity of a parent training program. *Behavior Therapy*, 11, 488-502.
- Gralinski, J. H. & Kopp, C. B. (1993). Everyday rules for behavior: Mothers' requests to young children. *Developmental Psychology*, 29, 573-584.
- Hardy, J.B.; Astone, N.M., Brooks-Gunn, J., Shapiro, S. & Miller T. L. (1998). Like mother, like child: intergenerational patterns of age at first birth and associations with childhood and adolescent characteristics and adult outcome in the second generation. *Developmental Psychology*, 34, 1220-1232.
- Hunter, J. E. & Stollak, G., (1995). The intergenerational transmission of corporal punishment: a comparison of social learning and temperament models, *Child abuse and neglect*, 19(11) 1323-1335.
- Hutz, C. S. (2002). Developmental issues and delinquent behavior of Brazilian adolescents, *International society for the study of behavioural development*, 42(2), 6-8.
- Kaufman, J. & Ziegler, E., (1989). The intergenerational transmission of child abuse. Em D. Cicchetti (Org.), *Child Maltreatment* (pp. 129-150). New York, Cambridge University.
- Keith, P.B. & Christiansen, S.L. (1997). Parenting styles. Em G.G. Bear; K. M. Minke & A. Thomas (Orgs.), *Children Needs II: Development, Problems and Alternatives* (pp. 559-566). Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.
- Klein, H. A., O' Bryant, K., & Hopkins, H. R. (1996) Recalled parental authority style and self-perception in college men and women. *The Journal of Genetic Psychology*, 157, 5-17.
- Kochanska, G. & Aksan, N. (1995). Mother-child mutually positive affect, the quality of child compliance to requests and prohibitions, and maternal control as correlates of early internalization. *Child Development*, 66, 236-254.
- Krevans, J. & Gibbs, J. C. (1996). Parents' use of inductive discipline: relations to children's empathy and prosocial behavior. *Child Development*, 67, 3263-3277.

- Lamborn, S. D.; Mounts, N. S.; Steinberg, L. & Dornbush, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Maccoby, E. E. & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. Em E. M. Heterington (Org.), *Mussen Manual of Child Psychology 4* (pp. 1-10). New York: Wiley.
- Maccoby, E. E. (1992). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. *Developmental Psychology*, 28, 1006-1007.
- Maccoby, E. E. (2000). Parenting and Its effect on children. *Annual Review of Psychology* 51, 1-27.
- Minuchin, P., Colapinto, J. & Minuchin, S. (1999). *Trabalhando com famílias pobres*. Porto Alegre: Artmed.
- Moura Castro, C. (1938). *A Prática da pesquisa*. São Paulo.
- Muller, R.T., Hunter, J.E. & Stollak, G. (1995). The intergenerational transmission of corporal punishment: a comparison of social learning and temperament models. *Child Abuse & Neglect*, 19, 1323-1335.
- Nascimento, P. C. (março 2003). *Jornal da Unicamp*, 205, pág 12. Obtido do World Wide Web em 01 de junho de 2004. http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/marco2003/ju205pg12.html
- Novak, G. (1996). *Developmental Psychology: Dynamical Systems and Behavior Analysis*. Context Press: Reno, Nevada.
- Oliveira, E. A.; Marin, A. H.; Pires, F. B.; Frizzo, G. B.; Ravanello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritários e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamento de externalização e internalização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(1), 1-11.
- Parish T. S. & McCluskey C. J. (1992). The relation between parenting styles and young adults' self-concepts and evaluations of parents. *Adolescence*, 2, 108.
- Patterson, G. R. (1990) Continuities - a search for causal mechanisms: comment on the special section, *Developmental Psychology*, 34(6) 1263 – 1268
- Patterson, G. R.; Reid, J. & Dishion, T. (1992). *Antisocial Boys*. Eugene, Oregon, Castalia Publishing Company.

- Petzold, M. (1997). The psychological definition of family. Em M. Cusinato (Org.), *Research on family resources and needs across the world* (pp.25-44). International Academy of Psychology, Milano, LED.
- Plass, P. S. & Hotaling, G. T. (1995). The intergenerational transmission of running away: childhood experiences of the parents of runaways. *Journal of Youth & Adolescence*, 24(3), 335-348.
- Plomin, R.; De Fries, J. C.; McClearn, G. E. & Rutter, M. (1997). *Behavioural Genetics*, 3rd edition. New York: Freeman.
- Posada, G.; Jacobs, A.; Carbonell, O. A.; Alzate, G.; Bustamante, M. R., & Arenas, A. (1999). Maternal care and attachment security in ordinary and emergency contexts. *Developmental Psychology*, 35, 1379-1388.
- Radziszewska, B.; Richardson, J.L.; Dent, C.W.; Flay, B.R. (1996). Parenting style and adolescent depressive symptoms, smoking, and academic achievement: ethnic, gender, and SES differences. *Journal of Behavior Medicine*, 19 (3), 289-305.
- Redmond C; Spoth, R; Shin, C & Lepper, H S. (1999). Modeling long-term parent outcomes of two universal family-focused preventive interventions: One-year follow-up results. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 67(6): 975-984, 1999.
- Rutter, M. (1998). Some research considerations on intergenerational continuities and discontinuities: comment on the special section, *Developmental Psychology*, 34(6), 1269-1273.
- Rutter, M. & Madge, N. (1976). *Cycles of disadvantages. A review of research*. London: Heinmann Educational.
- Rutter M.; Silberg J.; O'Connor T. & Simonoff E. (1998). Genetic and child psychiatry. *Journal of Child psychology and Psychiatry*, 40, 19-55.
- Schaffer, H. R. & Crook, C. K. (1980). Child compliance and control techniques. *Developmental Psychology*, 16, 54-61.
- Serbin, L. A.; Cooperman, J. M.; Peters, P. L.; Lehoux, P. M.; Stack, D. M.; Schwartzman, A. E. (1998). Intergenerational transfer of psychosocial risk in women with childhood histories of aggression, withdrawal, or aggression and withdrawal. *Developmental Psychology*, 34(6) 1246-1262.
- Schaefer, E. S. & Bell, R.Q. (1958). Development of a parental attitude research instrument. *Child Development*, 29, 339-359.

- Schaefer, E. S. (1958). A configurational analysis of children's reports of Development of parent behavior. *Journal of Consulting psychology Development, 29*, 332-357.
- Simons, R.L.; Whitbeck, L.B.; Conger, R.D. & Chyi-In W. (1991). Intergenerational transmission of harsh parenting. *Developmental Psychology, 66*, 299-316.
- Skinner, B. F.; (1966). Contingencies of reinforcement in the design of a culture, *Behavioral Science, 11*, 159-66.
- Springer, S. P.; Deutsch, G. (1998). *Cérebro esquerdo, cérebro direito*. São Paulo: Summus.
- Spoth, R., Redmond, C. & Shin, C. (1998). Direct and indirect latent-variable parenting outcomes of two universal family-focused preventive interventions: Extending a public health-oriented research base. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 66*, 385-399, 1998.
- Steinberg L.; Elmen, J & Mounts, S. N. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. *Child Development, 60*, 1424-1436.
- Steinberg, L.; Lamborn, S. D., Dornbusch, S. M & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: authoritative parenting, school involvement and encouragement to succeed. *Child Development, 63*, 1266-1281.
- Steinberg, L.; Darling, N., & Fletcher, A.C. (1995). Authoritative parenting and adolescent adjustment: An ecological journey. Em P. Moen, G. H. Elder, Jr., & K. Luscher (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 423-466).
- Van Wyk, J. D., Eloff, M. E., & Heyns, P. M. (1983). The evaluation of an integrated parent-training program. *Journal of Social Psychology, 121*, 273-281.
- Weber, L. N. D.; Viezzer, A.P. & Brandenburg, O.J. (2002). Adaptação e validação de duas escalas (exigência e responsividade) para avaliar estilos parentais [Resumo]. *Anais XI Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental*, Londrina.
- Weber L.N.D.; Biscaia P.; Pavei C.A. & Galvão A. (2002). A Relação entre o estilo parental e o stress infantil [Resumo]. Em Conselho Regional de Psicologia do Paraná (Org.), *Psicologia em Conexão – 40 anos de Profissão, X Encontro Paranaense de Psicologia*, Curitiba-PR: CRP – 08

- Weber, L. N. D.; Brandenburg, O. J. & Viezzer A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8 (1), 71-79.
- Weber L. N. D.; Viezzer A. P. & Brandenburg O J. (2003). Validação do Instrumento EQIF (Escala de Qualidade de Interação Familiar) [Resumo]. *Anais do XII Encontro Anual da Associação Brasileira de Medicina e psicoterapia Comportamental* (p. 276), Londrina.
- Weber L. N. D.; Viezzer A. P. & Brandenburg O J. (2004). Programa de qualidade na interação familiar. Relatório não publicado. Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.
- Weber L. N. D.; Prado P. M.; Brandenburg O. J. & Viezzer A. P. (no prelo) Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia Reflexão e Crítica*.
- Weber, L.N.D.; Viezzer, A.P.; Maranhã, C.; Mazzarotto, I.; Moschetta, L.; Paula, M.; Brandemburg & Biscaia, P. (2003). Estilos parentais e depressão. Relatório de pesquisa não publicado. Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.
- Weber, L.N.D.; Pereira, R.A. & Viezzer, A.P. (2003). Um estudo exploratório sobre estilos parentais e habilidades sociais dos filhos. Relatório de pesquisa não publicado. Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.
- Whitbeck, L. B; Hoyt, D. R.; Simons, R. L. & Conger, R. D. (1992). Intergenerational continuity of parental rejection and depressed affect. *Journal of Personality & Social Psychology*, 63(6) 1036-1045.
- Zentall, T. R. & Galef, B.G. Jr. (1988). *Social learning*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.

ANEXOS

ANEXO A

EQIF - ESCALAS DE QUALIDADE DE RELAÇÕES FAMILIARES

Caro(a) participante: A sua ajuda é muito importante para a nossa pesquisa sobre a família, mas lembramos que você só participa se quiser. Pedimos que você responda sinceramente todas as questões, sem deixar nenhuma em branco. Não existem respostas certas ou erradas! Você não precisa escrever o seu nome e ninguém mais, além das pesquisadoras, saberá as suas respostas. Muito obrigada pela sua colaboração!

- ◆ Idade: _____ ◆ Sexo: () feminino () masculino
◆ Com quem você mora? _____

→ Responda as seguintes questões sobre o seu pai e sobre a sua mãe (ou sobre as pessoas por quem foi educado, por exemplo: madrasta, padrasto, avô, avó, tio, tia, e outros). Numere de 1 a 5 de acordo com a tabela abaixo:

(1) = Nunca (2) = Quase nunca (3) = Às vezes (4) = Quase sempre (5) = Sempre

1. Meus pais mostram que gostam de mim. PAI (___) MÃE (___)
2. Meus pais mostram alegria quando eu faço alguma coisa legal. PAI (___) MÃE (___)
3. Meus pais brigam comigo por coisas sem importância. PAI (___) MÃE (___)
4. Meus pais costumam descarregar em mim quando estão com problemas. PAI (___) MÃE (___)
5. Meus pais me explicam as coisas que tenho dúvida. PAI (___) MÃE (___)
6. Meus pais costumam falar alto ou gritar comigo. PAI (___) MÃE (___)
7. Meus pais valorizam (dão importância para) minhas opiniões. PAI (___) MÃE (___)
8. Meus pais costumam xingar um ao outro. PAI (___) MÃE (___)
9. O que meus pais me ensinam de bom eles também fazem PAI (___) MÃE (___)
10. Meus pais costumam falar bem de mim. PAI (___) MÃE (___)
11. Eu posso contar com o apoio dos meus pais quando tenho algum problema. PAI (___) MÃE (___)
12. Meus pais costumam ver se eu já fiz as minhas obrigações. PAI (___) MÃE (___)
13. Meus pais mostram alegria quando eu cumpro as minhas obrigações. PAI (___) MÃE (___)
14. Meus pais costumam reagir diferente (às vezes brigam, às vezes batem, às vezes não dizem nada) toda vez que não cumpro com uma determinada obrigação. PAI (___) MÃE (___)

15. Meus pais deixam eu me explicar quando faço algo que não deveria ter feito. PAI () MÃE ()
16. Meus pais costumam conversar um com o outro. ()
17. Meus pais fazem carinho um no outro. PAI () MÃE ()
18. Eu penso que meu pai/minha mãe são os melhores pais que eu conheço. PAI () MÃE ()
19. Meus pais costumam dizer o quanto eu sou importante para eles. PAI () MÃE ()
20. Meus pais me elogiam quando eu faço alguma coisa legal. PAI () MÃE ()
21. Quando faço alguma coisa errada, meus pais costumam me bater. PAI () MÃE ()
22. Meus pais me dizem o que fazer para que coisas boas aconteçam comigo. PAI () MÃE ()
23. Meus pais costumam me xingar ou falar palavrões para mim. PAI () MÃE ()
24. Meus pais me ouvem e me respondem quando eu pergunto alguma coisa. PAI () MÃE ()
25. Meus pais fazem elogios um para o outro. PAI () MÃE ()
26. Meus pais costumam se abraçar. ()
27. Meus pais me ajudam nos estudos quando eu preciso. PAI () MÃE ()
28. Quando ajudo meus pais, eles me agradecem. PAI () MÃE ()
29. Meus pais costumam me bater sem eu ter feito nada de errado. PAI () MÃE ()
30. Meus pais costumam me castigar num dia e não no outro, mesmo que eu tenha cometido o mesmo erro. PAI () MÃE ()
31. Meus pais costumam explicar o porquê de estarem me pedindo alguma coisa. PAI () MÃE ()
32. Meus pais costumam discutir e “bater boca” comigo por qualquer motivo. PAI () MÃE ()
33. Meus pais deixam eu dar minha opinião sobre as decisões que eles tomam. PAI () MÃE ()
34. Meus pais falam mal um do outro. PAI () MÃE ()
35. Eu me sinto amado pelos meus pais. PAI () MÃE ()
36. Meus pais costumam estar brabos um com o outro. PAI () MÃE ()
37. Meus pais também cumprem com as obrigações que me ensinam. PAI () MÃE ()
38. Meus pais ficam felizes quando estão comigo. PAI () MÃE ()
39. Meus pais procuram saber o que aconteceu comigo quando estou triste. PAI () MÃE ()
40. Meus pais me dizem o que é certo e o que é errado. PAI () MÃE ()
41. Meus pais sabem onde eu estou quando não estou em casa. PAI () MÃE ()
42. Quando peço algo que meus pais não querem me dar e eu continuo pedindo, meus pais brigam comigo. PAI () MÃE ()
43. Meus pais conversam comigo quando faço alguma coisa errada me explicando porque eu não deveria ter feito daquele jeito. PAI () MÃE ()

44. Meus pais falam demais, eu já nem escuto mais o que eles dizem. PAI (___) MÃE (___)
45. Eu costumo contar as coisas boas que me acontecem para meus pais. PAI (___) MÃE (___)
46. Meus pais falam bem um do outro. PAI (___) MÃE (___)
47. Meus pais têm bom relacionamento entre eles. (___)
48. Meus pais sabem o que faço com o meu tempo livre. PAI (___) MÃE (___)
49. Meus pais mostram que gostam de mim mesmo quando não me saio bem em alguma coisa. PAI (___) MÃE (___)
50. Meus pais riem juntos. (___)
51. Meus pais costumam mostrar que se preocupam comigo. PAI (___) MÃE (___)
52. Meus pais costumam me bater por coisas sem importância. PAI (___) MÃE (___)
53. Quando alguma coisa ruim me acontece meus pais tentam me animar. PAI (___) MÃE (___)
54. Meus pais me fazem ameaças que costumam não cumprir. PAI (___) MÃE (___)
55. Eu costumo contar as coisas ruins que me acontecem para meus pais. PAI (___) MÃE (___)
56. Eu costumo ouvir meus pais brigarem um com o outro. (___)
57. Quando meus pais brigam, demoram para fazer as pazes. (___)
58. Meus pais fazem coisas que eu acho legais. PAI (___) MÃE (___)
59. Eu dou boas risadas junto com meus pais. PAI (___) MÃE (___)
60. Meus pais costumam perguntar o que eu estou sentindo. PAI (___) MÃE (___)
61. Meus pais costumam me fazer carinhos quando eu me comporto bem. PAI (___) MÃE (___)
62. Meus pais costumam me criticar. PAI (___) MÃE (___)
63. Eu costumo falar sobre meus sentimentos para meus pais. PAI (___) MÃE (___)
64. Meus pais são um bom exemplo para mim. PAI (___) MÃE (___)
65. Meus pais demonstram orgulho de mim. PAI (___) MÃE (___)
66. Meus pais dão oportunidades para eu dizer o que penso. PAI (___) MÃE (___)
67. Meus pais costumam me dar conselhos. PAI (___) MÃE (___)
68. Meus pais costumam me fazer carinhos quando eu faço alguma coisa legal. PAI (___) MÃE (___)
69. Meus pais me pedem para eu dizer para onde estou indo. PAI (___) MÃE (___)
70. Sinto orgulho de meus pais. PAI (___) MÃE (___)
71. Meus pais costumam me dar beijos, abraços ou outros carinhos. PAI (___) MÃE (___)
72. Qual a nota que você dá para seus pais, de um a cinco. PAI (___) MÃE (___)
73. Se quiser escrever alguma coisa sobre seus pais, pode escrever o que quiser neste espaço!

MUITO OBRIGADO PELA SUA AJUDA!!

ANEXO B

ESCALA DE QUALIDADE DE INTERAÇÃO FAMILIAR – EQIF

I. DIMENSÕES

1. Relacionamento afetivo (EXPRESSÃO AFETIVA; AMOR NÃO CONTINGENTE...)
2. Envolvimento (RESPONSIVIDADE E COMPROMISSO)
3. Regras (APRESENTAÇÃO DOS LIMITES)
4. Reforçamento (APRESENTAÇÃO DE CONSEQUÊNCIAS POSITIVAS)
5. Punições Inadequadas (APRESENTAÇÃO DE CONSEQUÊNCIAS PUNITIVAS INADEQUADAS)
6. Comunicação Positiva – iniciativa dos pais (EXPRESSÃO VERBAL E INSTRUCIONAL)
7. Comunicação Positiva – iniciativa dos filhos
8. Comunicação Negativa
9. Clima conjugal Positivo
10. Clima Conjugal Negativo
11. Modelos (APRESENTAÇÃO DE MODELOS E VALORES)
12. Sentimento dos filhos

(1) = Nunca (2) = Quase nunca (3) = Às vezes (4) = Quase sempre (5) = Sempre

II. ITENS DE CADA ESCALA

- Relacionamento afetivo (questões 1, 10, 19, 38, 49, 59, 65 e 71)
Envolvimento (questões 11, 27, 39, 51 e 60)
Regras (questões 12, 22, 40, 41, 48, 67 e 69)
Reforçamento (questões 2, 13, 20, 28, 61 e 68)
Punição inadequada (questões 3, 4, 14, 21, 29, 30, 42 e 52)
Comunicação negativa (questões 6, 23, 32, 44, 54 e 62)
Comunicação positiva – iniciativa dos pais (questões 5, 7, 15, 24, 31, 33, 43, 53 e 66)
Comunicação positiva – iniciativa dos filhos (questões 45, 55 e 63)
Clima conjugal positivo (questões 16, 17, 25, 26, 46, 47 e 50)
Clima conjugal negativo (questões 8, 34, 36, 56 e 57)
Modelo (questões 9, 37 e 58)
Sentimento dos filhos (questões 18, 35, 64, 70 e 72)

→ Escalas Negativas ** só um local para pontuação.

❖ **Relacionamento afetivo (Raf):**

1. (1) Meus pais mostram que gostam de mim.
2. (10) Meus pais costumam falar bem de mim.
3. (19) Meus pais costumam dizer o quanto eu sou importante para eles.
4. (38) Meus pais ficam felizes quando estão comigo.
5. (49) Meus pais mostram que gostam de mim mesmo quando não me saio bem em alguma coisa.
6. (59) Eu dou boas risadas junto com meus pais.
7. (65) Meus pais demonstram orgulho de mim.
8. (71) Meus pais costumam me dar beijos, abraços ou outros carinhos.

❖ **Envolvimento (Env):**

1. (11) Eu posso contar com o apoio dos meus pais quando tenho algum problema.
2. (27) Meus pais me ajudam nos estudos quando eu preciso.
3. (39) Meus pais procuram saber o que aconteceu comigo quando estou triste.
4. (51) Meus pais costumam mostrar que se preocupam comigo.
5. (60) Meus pais costumam perguntar o que eu estou sentindo.

❖ **Regras (Reg):**

1. (12) Meus pais costumam ver se eu já fiz as minhas obrigações.
2. (22) Meus pais me dizem o que fazer para que coisas boas aconteçam comigo.
3. (40) Meus pais me dizem o que é certo e o que é errado.
4. (41) Meus pais sabem onde eu estou quando não estou em casa.
5. (48) Meus pais sabem o que faço com o meu tempo livre.
6. (67) Meus pais costumam me dar conselhos.
7. (69) Meus pais pedem para eu dizer para onde eu estou indo.

❖ **Reforçamento (Ref):**

1. (2) Meus pais mostram alegria quando eu faço alguma coisa legal
2. (13) Meus pais mostram alegria quando eu cumpro as minhas obrigações
3. (20) Meus pais me elogiam quando eu faço alguma coisa legal.
4. (28) Quando ajudo meus pais, eles me agradecem.
5. (61) Meus pais costumam me fazer carinhos quando eu me comporto bem.
6. (68) Meus pais costumam me fazer carinhos quando eu faço alguma coisa legal.

❖ **Punições inadequadas (P/ina) (#):**

1. (3) Meus pais brigam comigo por coisas sem importância.

2. (4) Meus pais costumam descarregar em mim quando estão com problemas.
3. (14) Meus pais costumam reagir diferente (às vezes brigam, às vezes batem, às vezes não dizem nada) toda vez que não cumpro com uma determinada obrigação.
4. (21) Quando faço alguma coisa errada, meus pais costumam me bater.
5. (29) Meus pais costumam me bater sem eu ter feito nada de errado.
6. (30) Meus pais costumam me castigar num dia e não no outro, mesmo que eu tenha cometido o mesmo erro.
7. (42) Quando peço algo que meus pais não querem me dar e eu continuo pedindo, meus pais brigam comigo.
8. (52) Meus pais costumam me bater por coisas sem importância.

❖ **Comunicação Positiva - iniciativa dos pais (Co/ip) :**

1. (5) Meus pais me explicam as coisas que tenho dúvida.
2. (7) Meus pais valorizam (dão importância para) minhas opiniões.
3. (15) Meus pais deixam eu me explicar quando faço algo que não deveria ter feito.
4. (24) Meus pais me ouvem e me respondem quando eu pergunto alguma coisa.
5. (31) Meus pais costumam explicar o porquê de estarem me pedindo alguma coisa.
6. (33) Meus pais deixam eu dar minha opinião sobre as decisões que eles tomam.
7. (43) Meus pais conversam comigo quando faço alguma coisa errada, me explicando porque eu não deveria ter feito daquele jeito.
8. (53) Quando alguma coisa ruim me acontece meus pais tentam me animar.
9. (66) Meus pais dão oportunidade para eu dizer o que penso.

❖ **Comunicação Positiva - iniciativa dos filhos (Co/if):**

1. (45) Eu costumo contar as coisas boas que me acontecem para meu pai/minha mãe.
2. (55) Eu costumo contar as coisas ruins que me acontecem para meu pai/minha mãe.
3. (63) Eu costumo falar sobre meus sentimentos para meu pai/minha mãe.

❖ **Comunicação Negativa (Co/neg) (#):**

1. (6) Meus pais costumam falar alto ou gritar comigo.
2. (23) Meus pais costumam me xingar ou falar palavrões para mim.
3. (32) Meus pais costumam discutir e “bater-boca” comigo por qualquer motivo.
4. (44) Meus pais falam demais, eu já nem escuto mais o que eles dizem.
5. (54) Meus pais me fazem ameaças que costumam não cumprir.
6. (62) Meus pais costumam me criticar.

❖ **Clima conjugal Positivo (Cl/pos):**

1. (16) Meus pais costumam conversar em com o outro. **
2. (17) Meus pais fazem carinho um no outro.
3. (25) Meus pais fazem elogios um para o outro.
4. (26) Meus pais costumam se abraçar.**
5. (46) Meus pais falam bem um do outro.
6. (47) Meus pais têm bom relacionamento entre eles. **
7. (50) Meus pais riem juntos. **

❖ **Clima conjugal Negativo (Cl/neg) (#):**

1. (8) Meus pais costumam xingar um ao outro.
2. (34) Meus pais falam mal um do outro.
3. (36) Meus pais costumam estar brabos um com o outro.
4. (56) Eu costumo ouvir meus pais brigarem um com o outro.**
5. (57) Quando meus pais brigam, demoram para fazer as pazes**.

❖ **Modelo (Mod):**

1. (9) O que meus pais me ensinam de bom eles também fazem.
2. (37) Meus pais também cumprem com as obrigações que me ensinam.
3. (58) Meus pais fazem coisas que eu acho legais.

❖ **Sentimentos dos filhos (Sent):**

1. (18) Eu penso que meu pai/minha mãe são os melhores pais que eu conheço.
2. (35) Eu me sinto amado pelos meus pais.
3. (64) Meus pais são um bom exemplo para mim.
4. (70) Sinto orgulho de meus pais.
5. (72) Qual a nota que você dá para seus pais, de um a cinco:

ANEXO C

ESCALAS DE RESPONSABILIDADE E EXIGÊNCIA

Caro(a) aluno(a): Precisamos de sua ajuda para a nossa pesquisa sobre educação de crianças. Para isso, pedimos que você responda sinceramente todas as questões. Não existem respostas certas ou erradas! Lembramos que você não precisa escrever o seu nome e que ninguém mais, além das pesquisadoras, saberá as suas respostas. Muito obrigada pela sua ajuda!

Com quem você mora? _____

A respeito de seu PAI responda os itens abaixo (escolhendo uma alternativa) com sinceridade.

1. Até que ponto seu pai TENTA saber onde você vai quando sai com seus amigos?
() não tenta () tenta pouco () tenta bastante
2. Até que ponto seu pai TENTA saber o que você faz com teu tempo livre?
() não tenta () tenta pouco () tenta bastante
3. Até que ponto seu pai TENTA saber onde você está quando não está na escola?
() não tenta () tenta pouco () tenta bastante
4. Até que ponto seu pai REALMENTE sabe onde você vai quando sai com seus amigos?
() não sabe () sabe pouco () sabe bastante
5. Até que ponto seu pai REALMENTE sabe o que você faz com teu tempo livre?
() não sabe () sabe pouco () sabe bastante
6. Até que ponto seu pai REALMENTE sabe onde você está quando não está na escola?
() não sabe () sabe pouco () sabe bastante
7. Posso contar com a ajuda de meu pai caso eu tenha algum tipo de problema.
() quase nunca () às vezes () geralmente
8. Ele me incentiva (anima) a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça.
() quase nunca () às vezes () geralmente
9. Ele incentiva minhas próprias opiniões.
() quase nunca () às vezes () geralmente
10. Ele me ajuda nos trabalhos da escola se tem alguma coisa que eu não entendo.
() quase nunca () às vezes () geralmente
11. Quando quer que eu faça alguma coisa, explica-me o porquê.
() quase nunca () às vezes () geralmente
12. Quando você tira uma boa nota na escola, quanto sua mãe elogia você?
() quase nunca () às vezes () geralmente
13. Quando você tira uma nota baixa na escola, quanto sua mãe encoraja você a esforçar-se mais?

- quase nunca às vezes geralmente
14. Sua mãe realmente sabe quem são seus amigos.
 não sabe sabe pouco sabe bastante
15. Quantas vezes sua mãe passa um tempo conversando com você?
 quase nunca às vezes quase sempre
16. Quantas vezes você e sua mãe se reúnem para fazerem juntos alguma coisa legal?
 quase nunca às vezes quase sempre

A respeito de seu MÃE responda os itens abaixo (escolhendo uma alternativa) com sinceridade.

1. Até que ponto sua mãe TENTA saber onde você vai quando sai com seus amigos?
 não tenta tenta pouco tenta bastante
2. Até que ponto sua mãe TENTA saber o que você faz com teu tempo livre?
 não tenta tenta pouco tenta bastante
3. Até que ponto sua mãe TENTA saber onde você está quando não está na escola?
 não tenta tenta pouco tenta bastante
4. Até que ponto sua mãe REALMENTE sabe onde você vai quando sai com seus amigos?
 não sabe sabe pouco sabe bastante
5. Até que ponto sua mãe REALMENTE sabe o que você faz com teu tempo livre?
 não sabe sabe pouco sabe bastante
6. Até que ponto sua mãe REALMENTE sabe onde você está quando não está na escola?
 não sabe sabe pouco sabe bastante
7. Posso contar com a ajuda de minha mãe caso eu tenha algum tipo de problema.
 quase nunca às vezes geralmente
8. Ela me incentiva (anima) a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça.
 quase nunca às vezes geralmente
9. Ela incentiva minhas próprias opiniões.
 quase nunca às vezes geralmente
10. Ela me ajuda nos trabalhos da escola se tem alguma coisa que eu não entendo.
 quase nunca às vezes geralmente
11. Quando quer que eu faça alguma coisa, explica-me o porquê.
 quase nunca às vezes geralmente
12. Quando você tira uma boa nota na escola, quanto seu pai elogia você?
 quase nunca às vezes geralmente
13. Quando você tira uma nota baixa na escola, quanto seu pai encoraja você a esforçar-se mais?
 quase nunca às vezes geralmente
14. Seu pai realmente sabe quem são seus amigos.
 não sabe sabe pouco sabe bastante
15. Quantas vezes seu pai passa um tempo conversando com você?

quase nunca às vezes quase sempre

16. Quantas vezes você e seu pai se reúnem para fazerem juntos alguma coisa legal?

quase nunca às vezes quase sempre

ANEXO D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ Departamento de Psicologia

Prof^a Dr^a Lidia N. D. Weber, Mestrando Ivan Luigi Vitali

Caro pai, cara mãe, precisamos de sua ajuda para a nossa pesquisa sobre educação de crianças. Para isso, pedimos que você responda sinceramente todas as questões. Não existem respostas certas ou erradas! Ninguém além dos pesquisadores, saberá as suas respostas. Muito obrigado pela sua ajuda!

◆ Idade: _____ ◆ Sexo: () feminino () masculino Quem educou
você? _____

A respeito de seu PAI responda os itens abaixo (escolhendo uma alternativa) com sinceridade.

1. Até que ponto seu pai TENTAVA saber onde você ia quando saia com seus amigos?
() não tentava () tentava pouco () tentava bastante
2. Até que ponto seu pai TENTAVA saber o que você fazia com teu tempo livre?
() não tentava () tentava pouco () tentava bastante
3. Até que ponto seu pai TENTAVA saber onde você estava quando não estava na escola?
() não tenta () tenta pouco () tenta bastante
4. Até que ponto seu pai REALMENTE sabia onde você ia quando saia com seus amigos?
() não sabia () sabia pouco () sabia bastante
5. Até que ponto seu pai REALMENTE sabia o que você fazia com teu tempo livre?
() não sabia () sabia pouco () sabia bastante
6. Até que ponto seu pai REALMENTE sabia onde você estava quando não estava na escola?
() não sabia () sabia pouco () sabia bastante
7. Podia contar com a ajuda de meu pai caso eu tivesse algum tipo de problema.
() quase nunca () às vezes () geralmente
8. Ele me incentivava (animava) a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu fizesse.
() quase nunca () às vezes () geralmente
9. Ele incentivava minhas próprias opiniões.
() quase nunca () às vezes () geralmente
10. Ele me ajudava nos trabalhos da escola se tivesse alguma coisa que eu não entendesse.
() quase nunca () às vezes () geralmente
11. Quando queria que eu fizesse alguma coisa, explicava-me o porquê.
() quase nunca () às vezes () geralmente
12. Quando você tirava uma boa nota na escola, quanto seu pai elogiava você?

- quase nunca às vezes geralmente
13. Quando você tirava uma nota baixa na escola, quanto seu pai encorajava você a esforçar-se mais?
- quase nunca às vezes geralmente
14. Seu pai realmente sabia quem eram seus amigos?
- não sabia sabia pouco sabia bastante
15. Quantas vezes seu pai passava um tempo conversando com você?
- quase nunca às vezes quase sempre
16. Quantas vezes você e seu pai se reuniam para fazerem juntos alguma coisa legal?
- quase nunca às vezes quase sempre

A respeito de sua MÃE responda os itens abaixo (escolhendo uma alternativa) com sinceridade.

1. Até que ponto sua mãe TENTAVA saber onde você ia quando saia com seus amigos?
- não tentava tentava pouco tentava bastante
2. Até que ponto sua mãe TENTAVA saber o que você fazia com teu tempo livre?
- não tentava tentava pouco tentava bastante
3. Até que ponto sua mãe TENTAVA saber onde você estava quando não estava na escola?
- não tenta tenta pouco tenta bastante
4. Até que ponto sua mãe REALMENTE sabia onde você ia quando saia com seus amigos?
- não sabia sabia pouco sabia bastante
5. Até que ponto sua mãe REALMENTE sabia o que você fazia com teu tempo livre?
- não sabia sabia pouco sabia bastante
6. Até que ponto sua mãe REALMENTE sabia onde você estava quando não estava na escola?
- não sabia sabia pouco sabia bastante
7. Podia contar com a ajuda de minha mãe caso eu tivesse algum tipo de problema.
- quase nunca às vezes geralmente
8. Ela me incentivava (animava) a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu fizesse.
- quase nunca às vezes geralmente
9. Ela incentivava minhas próprias opiniões.
- quase nunca às vezes geralmente
10. Ela me ajudava nos trabalhos da escola se tivesse alguma coisa que eu não entendesse.
- quase nunca às vezes geralmente
11. Quando queria que eu fizesse alguma coisa, explicava-me o porquê.
- quase nunca às vezes geralmente
12. Quando você tirava uma boa nota na escola, quanto sua mãe elogiava você?
- quase nunca às vezes geralmente

13. Quando você tirava uma nota baixa na escola, quanto sua mãe encorajava você a esforçar-se mais?
 quase nunca às vezes geralmente
14. Sua mãe realmente sabia quem eram seus amigos?
 não sabia sabia pouco sabia bastante
15. Quantas vezes sua mãe passava um tempo conversando com você?
 quase nunca às vezes quase sempre
16. Quantas vezes você e sua mãe se reuniam para fazerem juntos alguma coisa legal?
 quase nunca às vezes quase sempre

ANEXO E



CENTRO PROFISSIONALIZANTE
Rede Esperança
Rua Nicácio Riquelme, 192 – CURITIBA
TEL. (041) 2665387

Curitiba, de de 2003.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INDIVIDUAL

Autorizo o uso e tratamento dos meus dados para a participação da pesquisa sobre Estilos Parentais que será realizada pelo aluno do Mestrado em Psicologia da Infância e da Adolescência da Universidade Federal do Paraná.

Estou ciente que o uso dos dados extraído do questionário, cujo formulário me foi apresentado, será destinado exclusivamente para a realização da pesquisa, que acontecerá no dia no Centro Profissionalizante Rede Esperança.

Por esta razão autorizo o pesquisador mestrando Ivan Luigi Vitali a utilizar os dados assim coletados para a acima citada pesquisa, desde que sejam preservados o sigilo e o anonimato

(Assinatura Aluno/a)

ANEXO F



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIA HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA DA INFÂNCIA E DA
ADOLESCÊNCIA

APRECIÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

O Comitê de Ética do Mestrado em Psicologia da Infância e da Adolescência da Universidade Federal do Paraná, reconhece a dissertação de Mestrado de Ivan Luigi VITALLI, intitulada “***Transmissão Intergeracional dos Estilos Parentais***” e sob direção da Profa. Dra. Lidia Natalia Dobrianskyj WEBER.

Este Projeto foi avaliado pela equipe, *Professor Doutor Egídio José ROMANELLI, Professora Doutora Yara Lúcia M. BULGACOV e Professora Doutora Maria de Fátima de Freitas QUINTAL. Este Comitê entende que a pesquisa será realizada dentro das regulamentações exigidas das pesquisas em Ciências Humanas e o referido projeto está pronto para prosseguir.*

Curitiba, 30 de outubro de 2003.